

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LÍGIA MARTINELLI COSTA E OLIVEIRA

O SEXO FEMININO: ATUAÇÃO FEMININA E TENSÕES SOCIAIS, UMA BREVE
ANÁLISE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS ENTRE OS SÉCULOS
XIX E XX NO BRASIL.

UBERLÂNDIA
2014

2471

N

(C*)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LÍGIA MARTINELLI COSTA E OLIVEIRA

O SEXO FEMININO: ATUAÇÃO FEMININA E TENSÕES SOCIAIS, UMA BREVE
ANÁLISE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS ENTRE OS SÉCULOS
XIX E XX NO BRASIL.

Monografia apresentada como requisito
obrigatório à graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof^ªDr^a Daniela Magalhães da
Silveira

UBERLÂNDIA
2014

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os meus familiares que se empenharam para que eu conseguisse chegar ao ensino superior.

A todos os amigos e amigas do curso de História que sempre me apoiaram ao longo do curso.

Ao meu namorado Daniel que sempre exerceu esforço sem igual para que este trabalho fosse concluído.

A prof^ªDraJosianne Francia Cerasoli que me ajudou no início desse trabalho, sempre prestativa comigo.

A prof^ªDraDaniela Magalhães da Silveira que me acolheu como sua orientanda, sempre gentil e incentivadora. Obrigada pela atenção e dedicação no desenvolvimento deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
INTRODUÇÃO.....	07
O Sexo Feminino: Intençõesde abordagem.....	07
O Sexo Feminino: apresentação do periódico.....	09
 O SEXO FEMININO - BIBLIOGRAFIA SOBRE A TEMÁTICA.....	15
CAPÍTULO I – O SEXO FEMININO E SUAS VOZES.....	20
1.1 O Sexo Feminino e seus editoriais.....	20
1.2 O Sexo Feminino e suas literaturas.....	30
1.3 O Sexo Feminino e seus folhetins.....	32
 CAPÍTULO II – O SEXO FEMININO E O CASAMENTO.....	35
2.1 O Casamento sob o olhar d'O Sexo Feminino.....	35
CAPÍTULO III – SEXO FEMININO E SEXO MASCULINO.....	46
3.1 O Sexo Feminino e a presença masculina em foco.....	46
3.2 Vozes masculinas n'O Sexo Feminino.....	54
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
FONTES.....	59
BIBLIOGRAFIA.....	59
ANEXOS	

RESUMO:

Este trabalho apresenta um estudo sobre *O Sexo Feminino*, semanário publicado e editado inicialmente na cidade de Campanha-MG no século XIX, por Francisca Senhorinha da Mota Diniz. Este periódico foi criado visando estimular a educação e instrução da mulher, porém abarcou outros temas ao longo da sua trajetória.

Nesta monografia apresentarei a estrutura do jornal, delineando sua trajetória e os assuntos mais recorrentes ao longo do nosso recorte temporal (1873 a 1876). Minha atenção estará mais voltada para a discussão das seguintes temáticas: educação e instrução da mulher, literatura, casamento e comportamento de uma parcela de mulheres daquela época.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Feminina – O Sexo Feminino – Francisca Senhorinha da Mota Diniz – Educação Feminina no Brasil – Instrução Feminina no Brasil.

Introdução

O Sexo Feminino: Intenções de abordagem

Neste trabalho tomarei o periódico *O Sexo Feminino* como objeto e fonte de pesquisa. A intenção é a de questionar as participações femininas e a abordagem de temáticas supostamente voltadas para o público leitor feminino na imprensa imperial brasileira e também as medidas políticas adotadas que se mostravam como de suma importância para a maior informação e instrução da mulher.

Decidi pesquisar este tema por causa da crescente importância que o mesmo tem ganhado dentro da nossa historiografia. Além disso, esse tema nos possibilita abarcar a trajetória do movimento das mulheres no Brasil, apresentando de forma simplificada as tensões sociais existentes e salienta a importância da imprensa feminina para o período em questão, desmitificando então desta forma o imaginário da época de uma mulher fadada somente à maternidade e à educação dos filhos, inferior e sem capacidade intelectual para os estudos de nível universitário.

Portanto, nota-se que o século XIX é caracterizado por intensas tensões na sociedade tanto no campo político, social e público. *O Sexo Feminino* foi publicado no momento que antecedeu a proclamação da República e de várias outras transformações, como aquelas ocorridas nos setores econômico, eleitoral, educacional, político, social e artístico. Foi um período delicado, sendo que temas jamais discutidos no espaço público vêm à tona como o divórcio, o voto e a sexualidade.

O jornal *O Sexo Feminino* teve seu primeiro número publicado em 7 de setembro de 1873 na cidade de Campanha, localizada ao sul do estado de Minas Gerais e tendo como sua editora e redatora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, esposa, mãe de família e professora normalista.

O Sexo Feminino teve quarenta e cinco números editados semanalmente, sem interrupções, entre 7 de setembro de 1873 até a mesma data do ano seguinte. Após esse período, *O Sexo Feminino* transfere-se para o Rio de Janeiro sendo editado de 1875 até o ano de 1877, retomando sua publicação na década seguinte, de 1887 a 1889 e, com a República proclamada, com maior engajamento político, edita quinzenalmente *O*

Quinze de Novembro do Sexo Feminino, sempre demonstrando espírito comprometido com os interesses femininos.

Embora *O Sexo Feminino* não seja um jornal ligado intimamente com a imprensa educacional, possui vínculo no entorno educacional. Francisca Senhorinha, além de professora da escola prática, anexa a Escola Normal de Campanha, era casada com o advogado Dr. José Joaquim da Silva Diniz, redator do jornal *O Monarchista*, de Campanha, também professor de Pedagogia da escola normal, onde estudavam as filhas do casal, Albertina e Amélia Diniz, que por sua vez, eram colaboradoras de *O Sexo Feminino*.

Senhorinha Diniz procurava destacar em seu jornal a importância da conscientização da mulher para o melhor nível de educação das mesmas, para que as mulheres brasileiras pudessem almejar posições sociais mais elevadas. Através de seu periódico, Diniz procurava despertar as brasileiras para seus direitos perante a sociedade, através de uma atividade de autoconsciência e reflexão, incluindo também ideias como igualdade perante o sexo oposto em postos de trabalho e cargos de chefia.

Embora seja bastante conhecida pelas suas publicações nas Minas Gerais, pouco se sabe sobre a vida de Francisca Senhorinha Diniz, sabe-se apenas que nasceu em São João Del Rei depois se mudou para Campanha, lecionado e atuado fortemente na imprensa local.

Um fator importante na escrita de Francisca Diniz é seu respaldo jurídico diante de várias questões que ocorriam na política nacional e internacional, talvez o fato de Francisca ter se casado com um advogado e pedagogo refletiu em grande parte dos seus escritos.

Francisca Senhorinha Diniz se configura na história do Brasil como empreendedora e inovadora, pois, sem contato direto do Rio de Janeiro, a então capital do Brasil, Senhorinha decide editar um jornal no sul de Minas Gerais com a finalidade de disseminar suas ideias a favor da mulher e ideias progressistas naquela pequena cidade que além de contar com poucos mil habitantes, contava com número menor ainda de alfabetizados.

Campanha durante o século XIX possuiu uma economia muito próspera, devido à pecuária e agricultura, e também se destacou como centro cultural do sul de Minas

Gerais. Pode-se imaginar que devido aos ideários de progresso que permeavam a cidade, a mesma agregava um número crescente de intelectuais e letrados. Acreditamos que acultura letrada, principalmente nos campos da literatura e imprensa, e também a proximidade com o Rio de Janeiro, possam ter propiciado o surgimento de uma imprensa em prol da mulher e um jornal com fortes críticas sociais sem ter sido “abafado” pelo patriarcalismo e tradicionalismo locais.

Campanha que atualmente conta com pouco mais de 16 mil habitantes, de acordo com o censo do IBGE de 2010¹, abriga grandes estabelecimentos como a Academia Sul-Mineira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Alfredo Valadão.

Ao longo deste trabalho, procurarei ressaltar a importância da mulher brasileira na historiografia, assim como na produção de materiais impressos no século XIX que gerou grandes impactos nos espaços de sociabilidade da época.

O Sexo Feminino: apresentação do periódico

Publicado originalmente no ano de 1873 e com estreia no dia 07 de setembro na cidade de Campanha – Minas Gerais com o nome de *O Sexo Feminino* e com subtítulo *Semanário Dedicado aos Interesses da Mulher* continha sempre no seu cabeçalho a frase de Aime Martin : “*É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem*”². O jornal se configura em um folheto de 4 páginas, com formatação simplificada e texto dividido em duas colunas, direcionadas ao leitor, de modo que raramente se encontram gravuras em suas páginas. *O Sexo Feminino* tinha periodicidade semanal e a sua obtenção deveria ser feita através de assinatura anual de 5 mil réis e semestral de 2 mil e quinhentos réis. O jornal é escrito em sua maior parte por D. Francisca Senhorinha, porém aceitava colaborações de homens e mulheres, contando que versassem sobre o tema da educação e instrução da mulher e tivessem a ver com o perfil do jornal. No ano de 1873, o jornal tinha como colaboradoras fixas D. Narcisa Amália, poetisa residente da cidade de Resende, Amélia e Albertina Diniz, filhas da redatora.

¹<http://www.ibge.gov.br/> acessado em 01/03/2014.

²Aime Martin foi um escritor e filósofo francês que nasceu em Lyon e se mudou posteriormente para Paris.

O periódico dividia-se basicamente em editorial que aparecia sempre nas duas primeiras páginas, constituindo-se em longos textos sobre educação e instrução da mulher, sempre assinados por Francisca Diniz. A seção sobre literatura vinha em seguida e se organizava em textos traduzidos do francês por Amélia e Albertina Diniz, no entanto não foi possível saber a autoria original daquelas narrativas. A parte de colaboração geralmente falava sobre os acontecimentos da escola normal de Campanha e poderia ter também textos de outras colaboradoras. Os avisos eram sobre acontecimentos locais. O noticiário continha assuntos voltados à atualidade, como notícias sobre conquistas de mulheres ao redor do mundo. A seção variedades, como seu nome indica continha artigos diversos, desde charadas e enigmas até o aviso de permutas que eram realizadas entre diferentes jornais.

O jornal teve como editora D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, esposa, mãe de família e professora normalista. Ela era a responsável e idealizadora do semanário e, segundo Cecília Nascimento e Bernardo Oliveira, contava com colaboradoras diversas dentro e fora de Campanha³ que se correspondiam através de cartas com a redatora do jornal.

Além da redatora do jornal, responsável pelo editorial, e as colaboradoras que geralmente contribuíam nas seções opinativas e de literatura, Amélia e Albertina Diniz, filhas da idealizadora do jornal também contribuíam. Suas contribuições se faziam em textos autorais e também em traduções de textos do francês para o português.

A distribuição do primeiro número do jornal foi feita da seguinte maneira: a primeira edição do jornal foi enviada a pessoas previamente selecionadas. Não foi possível saber como ocorreu esta seleção, mas é possível aventar que foram aquelas escolhidas entre as pertencentes à classe média de Campanha e ainda pessoas letradas e ligadas à educação. Nesse primeiro número, havia um aviso para que as pessoas que não desejassem assinar o jornal deveriam devolvê-lo no escritório da redação. O número do jornal não era vendido separadamente, sua obtenção poderia ser feita apenas através de assinatura semestral ou anual.

³NASCIMENTO, C. V. ; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de . O Sexo Feminino em Campanha pela emancipação da mulher. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), v. 29, p. 431, 2007.

No exemplar de 11 de outubro de 1873 a redatora do jornal anuncia aos assinantes uma nova colaboradora, Sra. Narcisa Amália residente da cidade de Resende, que posteriormente se tornaria colaboradora fixa da seção de literatura:

“Aos nossos assinantes, uma grata notícia. – Este periódico tem o indizível prazer de scientificar aos seus leitores que vai enumerar como colaboradora uma das penas mais hábeis que tem aparecido na imprensa diária da corte, A Ex.^a Sr.^a D. Narcisa Amalia, poetisa distinta, literata não vulgar, talento transcendental, está acima de qualquer elogio que a pena mais bem aparada possa tecer. Sua aurea inteligência se desenha no artigo com que mimoseou o Sexo Feminino, e que vai publicado no lugar competente”.⁴

O Sexo Feminino se configura como periódico feito por mulheres para mulheres, atendendo aos interesses das mesmas, porém no período histórico em questão é sabido que poucas mulheres tinham acesso à instrução, tema que é um dos pilares do jornal. Desse modo, Gerlice Teixeira Rosa faz um apontamento sobre a tiragem do jornal no ano de seu lançamento em 1873:

“A tiragem do jornal era de 800 exemplares, número significativo se levar em conta a baixa escolaridade da população nesse período e o grande número de analfabetos do país”.⁵

Retomando aos autores Cecília Nascimento e Bernardo Oliveira, eles afirmam que:

“De 20.071 habitantes à época, apenas 1.458 mulheres sabiam ler e escrever

⁴ O Sexo Feminino, 11/10/1873. Número 6. Página 04.

*Optamos por conservar a grafia original dos textos.

⁵ ROSA, Gerlice Teixeira. Ethos e argumentação de Senhorinha Diniz em O Sexo Feminino. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2011.

em 1872, ou seja, cerca de 7% da população total (número um pouco superior à diminuta média nacional – 5,5% do total da população, segundo dados do Recenseamento daquele ano.”⁶

Segundo a afirmação dos autores acima, podemos perceber que, embora não fosse o foco do jornal atingir apenas uma determinada classe social, ele atingia uma parcela pequena de mulheres se restringindo às classes mais altas da sociedade.

Na data de 15 de novembro de 1873, apenas 2 meses após sua primeira publicação *O Sexo Feminino* anuncia a reimpressão dos jornais de números de 1 a 10 em 4 mil exemplares por motivos de permuta, envio para assinantes recentes e também distribuição do periódico no Rio de Janeiro.

Como já apresentado anteriormente, *O Sexo Feminino* teve seu primeiro número publicado em 7 de setembro de 1873, esse número se faz especial tanto por ser o lançamento do periódico quanto pelo seu conteúdo em questão. No editorial, a editora ressalta um dos objetivos principais do jornal:

“O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais da metade dos males que os oprimem é devida ao descuido que elles tem tido da educação das mulheres”.⁷

E ainda complementa, ao ressaltar a importância da educação da mulher para além da educação referente aos cuidados da casa:

“Em vez de paes de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc.,

⁶NASCIMENTO, C. V. ; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de . *O Sexo Feminino em Campanha pela emancipação da mulher*. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), v. 29, p. 432, 2007.

⁷ *O Sexo Feminino* 07/09/1873. Número 1. Página 01.

*Optamos por conservar a grafia original dos textos.

etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina domestica, a puericultura, a litteratura (ao menos a nacional e portugueza), a philosophia, a historia, a geografia, a physca, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos a instrucção moral e religiosa...”⁸

Retomando ao assunto da independência, Francisca Diniz relaciona a independência do Brasil com a independência da mulher:

“Feliz coincidência! Há 51 annos que se quebrarão os ferros de nossa escravidão ao jugo colonial, que se libertou o brasileiro do despotismo de um homem que d’alem do Atlantico, nos impunha sua vontade de ferro; há 51 annos em fim que soou o grito de nossa independência.

Pois bem, este dia marcará também em nossa historia patria uma época não menos memorável – a independência da mulher, cujo echo se faz ouvir na imprensa por um órgão – O Sexo Feminino”.⁹

Sabemos que o editorial configura-se como a parte mais importante de um jornal, seja ele escrito para qualquer finalidade, e por esse mesmo motivo o editorial sempre se encontra nas primeiras páginas do jornal e com *O Sexo Feminino* não seria diferente. O editorial como parte de peso de um jornal sempre é escrito por um editor que possui mais domínio nos assuntos tratados, por isso em todos os números d’ *O Sexo Feminino* Francisca Senhorinha Diniz se encarrega de tal seção.

⁸ O Sexo Feminino 07/09/1873. Número 1. Página 01.

*Optamos por conservar a grafia original dos textos.

⁹ O Sexo Feminino 07/09/1873. Número 1. Página 02.

*Optamos por conservar a grafia original dos textos.

De modo genérico os editoriais possuíam como objetivo estabelecer um debate mais profundo com o leitor, levando o mesmo à reflexão. Como o foco do periódico era a educação e instrução da mulher, todos os editoriais sempre apresentavam estes assuntos relacionando-os com a existência e importância d'*O Sexo Feminino*.

O segundo editorial do jornal afirma o que explicitamos acima:

“Prepare-se o futuro pela educação e instrução do sexo fragil.

Formem-se as mãis de família, que por seu turno vão erguer escolas e colégios, nos campos, nas villas e nas cidades; que ensinem à mocidade de ambos os sexos os sãos princípios de uma instrução moral e religiosa, e a face da sociedade se há de mudar.

Mães de família assim formadas prepararão a mocidade que futuramente possa ornar as diversas carreiras a que póde aspirar um moço ou uma moça desde a mais alta escala social até o mais modesto emprego official.”¹⁰

Além do anseio da educação e instrução da mulher, Francisca Diniz ainda desejava a igualdade perante o sexo oposto e destacava no seu jornal conquistas de mulheres no ramo profissional.

A literatura possui importância dentro do jornal. Depois do editorial essa era a parte que possuía mais destaque dentro do periódico. A seção de literatura em geral era composta por textos que exaltavam a beleza da mulher, continha poesias sobre o cortejo com o sexo feminino, músicas e ainda textos sobre amor, religião e a infância.

Ao se tratar do perfil desta seção, podemos defini-la, segundo Dulcília Buitoni, que diz:

“...reconhecemos que existem alguns temas de grande interesse para o

¹⁰ *O Sexo Feminino* 14/09/1873. Número 2. Página 01..

*Optamos por conservar a grafia original dos textos.

público feminino e que gozam de uma certa unanimidade na imprensa de todo o mundo.”¹¹

Desta forma a seção literatura d’*O Sexo Feminino* se apresentava de acordo com o interesse das mulheres da época, delineando assim o perfil das leitoras e também representando a mulher da época em seus gostos e interesses.

O Sexo Feminino ainda contou com contribuições de homens nas suas páginas, discutiremos também as publicações assinadas por homens em um jornal feito por mulheres para mulheres e também as opiniões dessas mulheres sobre o comportamento dos homens da época.

O Sexo Feminino – bibliografia sobre a temática

Trabalhos em torno da imprensa especialmente aqueles dedicados aos periódicos dirigidos ao público feminino têm se tornado cada vez mais numerosos e com aportes teóricos mais diversificados. A compreensão de *O Sexo Feminino*, realizada por meio desta monografia é devedora dessa ampla bibliografia, da qual destacarei alguns títulos para a posterior discussão. Considero essa parte de um trabalho fundamental, pois demonstra os diálogos por mim travados ao longo da pesquisa e também as escolhas feitas durante esse processo.

Fernanda Alina de Almeida Andrade defendeu em 2006 a dissertação intitulada: *Estratégias e Escritos: Francisca Diniz e o Movimento Feminista no século XIX(1873/1890)*. Neste trabalho, ela estuda a imprensa do século XIX através dos escritos de Francisca Diniz e também a condição feminina no século XIX.

Usa como fonte do seu estudo obras de Diniz como os jornais *O Sexo Feminino*, *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, *Revista Primavera* e o romance *Judia Rachel*. Afirmo que no seu trabalho consta a análise de duas fontes documentais inéditas diante dos outros trabalhos produzidos sobre *O Sexo Feminino* até então: a *Revista Primavera* e o romance *A Judia Rachel*.

Ao trabalhar com a produção citada apresenta autores que apontam o pioneirismo e engajamento de Francisca Diniz em relação à imprensa feminina no

¹¹ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. 2ª edição. Editora Ática, 1990.

Brasil como Celi Regina Pinto, Gondim da Fonseca, JuhneHahner e Maria Amélia de Almeida Teles.¹²

A partir da leitura das fontes coloca como questão se Francisca Diniz pode ser considerada, juntamente com seus estudos como feministas, tendo em vista que no século XIX não houve um movimento feminista propriamente dito como houve no século XX. Porém como o movimento feminista representa qualquer ação em defesa do sexo feminino, concluiu que Francisca Diniz foi uma participante do feminismo no Brasil.¹³

Embora Fernanda acredite que Francisca Diniz foi pioneira e engajada em sua obra, por outro lado aponta que o jornal *O Sexo Feminino* foi pautado na busca do direito de uma educação mais aprimorada para as mulheres visando à constituição de uma mulher apta a desempenhar suas funções na estrutura familiar e no espaço do lar afastando-a do universo da política, trabalho e da esfera pública.¹⁴

Nesse sentido, embora *O Sexo Feminino* tenha reafirmado a participação da mulher no espaço privado, o jornal apresentou reivindicações quanto à inserção da mulher no espaço público, desta forma a educação se apresentou como uma etapa necessária para o acesso da mulher à esfera pública e à participação política.

Em segundo momento, Fernanda Andrade busca compreender quais os objetivos de um periódico editado por uma mulher no século XIX e como esse periódico conseguiu se estabelecer durante anos no interior de Minas Gerais. Está de acordo que a criação de *O Sexo Feminino* se deu pelas condições sociais, econômicas e políticas da cidade de Campanha.

Para Fernanda Andrade, a filosofia positivista reafirmou a importante missão feminina de mãe e esposa. Desta forma esta corrente filosófica influenciou no movimento feminista do século XIX e também nos escritos de Francisca Diniz. Em relação a esses escritos, Andrade aponta que diante de todo seu ideário de instrução,

¹² ANDRADE, Fernanda Alina de Almeida. Estratégias e escritos: Francisca Diniz e o Movimento Feminista no século XIX(1873/1890). Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006. Pg 10.

¹³ ANDRADE, Fernanda Alina de Almeida. Estratégias e escritos: Francisca Diniz e o Movimento Feminista no século XIX(1873/1890). Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006. Pg 11.

¹⁴ ANDRADE, Fernanda Alina de Almeida. Estratégias e escritos: Francisca Diniz e o Movimento Feminista no século XIX(1873/1890). Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006. Pg 12.

educação e emancipação da mulher, Diniz privilegiava as leitoras ricas e de classe média quanto aos assuntos dos seus periódicos e embora fosse contra a escravidão não direcionava seus jornais para mulheres pobres e negras, por exemplo, não abrangendo regularmente assuntos como mundo do trabalho, pobreza e escravidão.

Gerlice Teixeira Rosa defendeu em 2011 a dissertação intitulada: *Ethos e Argumentação de Senhorinha Diniz em O Sexo Feminino*. Neste trabalho estuda a construção dos costumes e da argumentação de Francisca Diniz n' *O Sexo Feminino*, considerando também as mulheres e homens contribuintes do periódico e ainda a representação social do jornal.

Ao contrário de Fernanda Andrade (que possui formação em História), Gerlice possui sua formação em Jornalismo e Letras, o que confere ao seu trabalho uma análise de acordo com base teórica da Análise do Discurso e suas estratégias argumentativas incluindo pluralidade de discursos utilizados por Diniz (Discursos histórico, científico, educacional e religioso). Achamos curioso ainda o fato de sempre se referir à Francisca Diniz como jornalista e não como professora, editora, proprietária de jornal, tratamento dado por Fernanda Andrade e outras autoras que tratam do mesmo tema.

Gerlice Rosa analisa as estratégias argumentativas de Francisca Diniz e como elas foram usadas para garantir a adesão ao discurso de emancipação feminina e afirma que Diniz se apresentava como mulher instruída, condutora e mártir no momento em que a mesma retratava os homens como injustos e insensíveis. Embora Diniz faça críticas aos homens e ao universo masculino não acreditamos que ela retratava os homens dessa forma tão agressiva, creio que se referia de modo genérico a uma cultura masculina dominante na época.

Como jornalista, trabalha apresentando um panorama da imprensa no Brasil no século XIX e as influências sofridas pelo jornalismo durante esse período, assim, analisa o jornalismo como forma de expressão social e instrumento de propagação de ideias, a inserção da mulher no mundo das letras e o panorama que foi responsável por isso.¹⁵

Gerlice e Fernanda concordam ao apontar que o XIX foi um século com maior atuação feminina no mundo das letras em relação aos anteriores e que as transformações

¹⁵ ROSA, Gerlice Teixeira. *Ethos e argumentação de Senhorinha Diniz em O Sexo Feminino*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2011. Pg 14.

ocorridas dentro e fora do Brasil foram propícias para isso. Assim como o direcionamento de Diniz para um público selecionado, embora o periódico tenha excedido barreiras que nem a editora do jornal imaginava.

Francisca Diniz assumiu quase que inteiramente a frente do editorial *d'O Sexo Feminino*, sabemos que o editorial é um espaço fixo de destaque e importância em um jornal, condensando ideias que se referem à identidade e as propostas de um periódico em um curto espaço de uma só vez, assim Gerlice destaca em seu trabalho o papel do editorial e dos outros gêneros de escrita presentes n'*O Sexo Feminino*.¹⁶

Gerlice ainda aponta como diferencial n'*O Sexo Feminino* o direcionamento do discurso do periódico, pois desta forma Senhorinha Diniz convoca e dialoga diretamente com as mulheres sobre a situação das mesmas e ainda chama atenção para o uso recorrente do pronome “nós” e concorda que essa forma de escrita se configurava como ponto de estratégia de Senhorinha para atrair e manter um público leitor.¹⁷

Kelly Cristina Nascimento defendeu em 2006 a dissertação intitulada: *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira -1873 -1932*. Neste trabalho estuda a emancipação feminina através das representações da mulher pela imprensa mineira tentando analisar como alguns setores da sociedade viam o comportamento feminino e criavam suas representações.

Kelly analisa *O Sexo Feminino* e a partir dele pensa como o periódico influenciou no modo de agir e pensar das mulheres e seu lugar social no oitocentos, perpassando ainda pela trajetória do movimento feminista em busca do sufrágio universal analisando neste trajeto vários jornais de expressão no oitocentos e novecentos em Minas Gerais.

Virgínia Maria Netto Mancilha defendeu em 2012 a dissertação intitulada: *Vozes Femininas: Um estudo sobre a Revista Feminina e a luta pelo direito ao voto ao trabalho e a instrução*. Neste trabalho busca refletir sobre o papel da mulher na sociedade através das páginas da *Revista Feminina*, que se configurou como uma das mais expressivas publicações da imprensa feminina entre 1920 e 1930. Analisa ainda as articulações da revista e a abordagem do direito ao voto, ao trabalho e a instrução.

¹⁶ ROSA, Gerlice Teixeira. Ethos e argumentação de Senhorinha Diniz em *O Sexo Feminino*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2011. Pg 41.

¹⁷ ROSA, Gerlice Teixeira. Ethos e argumentação de Senhorinha Diniz em *O Sexo Feminino*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2011. Pg 58.

Embora o recorte temporal de Virgínia não seja o nosso, nos aproveitamos das colocações da autora no nosso trabalho.

Daniela Magalhães da Silveira defendeu em 2005 a dissertação intitulada: *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Neste trabalho busca estudar a revista feminina intitulada *Jornal das Famílias*, publicada entre 1863 e 1878 que possuía como uma de suas questões centrais a disponibilidade de leituras com certo tom moralizante e religioso, que servissem de lições às leitoras. Com relação a essas leituras moralizantes *O Sexo Feminino* possuía a publicação de romances morais com o intuito de instruir as leitoras e no final do romance havia sempre uma “moral” da história a se seguir. Acreditamos que os romances morais acrescentaram muito na cultura letrada, na educação e instrução do século XIX.

Após leitura e pesquisa na bibliografia citada que abarca imprensa feminina, imprensa no Brasil, periódicos e discursos, podemos apontar que de modo geral e fazendo recorte ao periódico *O Sexo Feminino*, o contexto social juntamente com o desenvolvimento econômico que permeou a cidade de Campanha propiciou a sua criação assim como o contexto social de conquistas femininas ocorridas fora do Brasil contribuíram para que se formasse um imaginário de possibilidades.

Embora não existisse um movimento forte e coeso no Brasil em relação ao feminismo, acreditamos que as questões colocadas por periódicos femininos como *O Sexo Feminino* propiciaram um novo olhar sobre a vida pública e privada da mulher no Brasil no oitocentos, conquistando espaços inexplorados na sociedade podendo nos levar à reflexão sobre o mercado letrado da época e a tiragem dos jornais. Além da tiragem dos jornais havia o costume de permuta que garantia a maior circulação dos jornais. Além do mais podemos acreditar que as informações também chegavam ao público não letrado através da oralidade dos letrados, causando assim uma quebra de barreiras entre aqueles que não poderiam ter acesso à assinatura do jornal e/ou não sabiam ler, aumentando a circulação de ideias d’*O Sexo Feminino*.

CAPÍTULO I – O SEXO FEMININO E SUAS VOZES

Neste capítulo temos como objetivo analisar, num primeiro momento, o jornal *O Sexo Feminino* a partir de seus editoriais, fazendo recortes e refletindo como dava forma para o jornal e discutindo ainda qual a sua importância, já que todos eles apareciam na primeira página do jornal. Os editoriais de *O Sexo Feminino*, além de darem forma ao periódico, apresentavam de modo simples e direto o ideário dessa publicação que se tornou notável no século XIX e se apresenta como um documento importante na atualidade. Por isso até hoje trabalhos acadêmicos são produzidos a cerca deste periódico em várias áreas do conhecimento.

O editorial do jornal se apresentava como a principal parte de publicação das ideias do jornal e também servia como o local de publicação de cartas dos leitores e das leitoras do periódico que interagiam com os assuntos escritos ali.

Num segundo momento abordaremos as seções dedicadas à literatura encontradas no periódico que continham desde a publicação de poemas, contribuições de leitores e leitoras, músicas até folhetins de tom moralizante. Debateremos de que forma esses textos dialogam com o editorial.

Após abordar os editoriais e a seção de literatura, dedicaremos especial atenção ao papel do folhetim de *O Sexo Feminino*, de que forma esses folhetins apareciam e qual a sua finalidade em um jornal produzido por mulheres e para as mulheres no século XIX.

1.1 O Sexo Feminino e seus editoriais

O periódico configura-se com um editorial na sua primeira página, tendo como tema central das suas publicações textos sobre educação e instrução que acreditamos terem sido escritos pela proprietária e redatora D. Francisca Senhorinha da Mota Diniz¹⁸. O primeiro editorial data de 07 de setembro de 1873 (sendo essa a data de lançamento do jornal), possui um texto de apresentação do periódico, juntamente com o tema da educação, como demonstra o seguinte trecho:

“O século XIX, século das luzes, não se
findará sem que os homens se convenção de

¹⁸ Os editoriais não são assinados, por isso não temos essa confirmação.

que mais da metade dos males que os oprimem é devido ao descuido que eles tem tido com a educação das mulheres e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousarão atirar a face da mulher, que é mais às vezes, em plena sociedade familiar”¹⁹

Os editoriais do jornal dos anos de 1873 a 1876 tratam em sua maioria da educação e instrução, mas não é somente nessa seção que esses temas foram abordados. No segundo exemplar do periódico, o editorial dedicou-se ao tema da emancipação da mulher e, dessa forma, na seção de literatura, há um texto esclarecendo às leitoras a diferença entre educação e instrução, escrito pela filha da redatora do jornal, Amélia Diniz:

“Hoje quase que geralmente confundem a educação com a instrução. A primeira é a cultura do coração, a segunda é a do espírito. Pode um indivíduo ter recebido uma instrução eminente e variada e não ter sido senão uma educação defeituosa.

O homem instruído não é sempre o mais bem educado, assim como o homem bem educado pode ser o menos instruído. A educação perfeita é a instrução unida à polidez e ao bem viver, é a ciência virtuosa”²⁰.

Acreditamos que os textos sobre educação e instrução foram alocados especialmente no editorial, porque essa seção enfatiza mais o fato de ser aquele jornal uma publicação feita por e para mulheres. Além disso, aquele parecia ser o tema central abordado pelo periódico, configurando-se em sua razão de existência. Muitos deles são

¹⁹O Sexo Feminino. 7 de setembro de 1873. Num 1. Ano 1. Página 01.

²⁰O Sexo Feminino. 14 de setembro de 1873. Num 2. Ano 1. Página 04.

autorais e foram escritos por D Senhorinha Diniz²¹. Já na seção de literatura, os textos são dedicados à educação e à instrução, de forma geral e foram escritos por diversas colaboradoras e também por Amélia Diniz. Vários deles foram traduzidos do francês.

Numa análise geral do periódico e, em especial, dos seus editoriais e das seções dedicadas à literatura, observa-se que as temáticas sobre educação e instrução se sobressaem nos dois primeiros anos do jornal, aparecendo como a principal motivação do periódico, e com o passar do tempo, o jornal foi se modificando, adaptando-se e inserindo outras temáticas de acordo com as necessidades de seu público leitor. Além disso, é importante ressaltar o fato de que no ano de 1875 a redação do periódico foi transferida para o Rio de Janeiro, o que também deve ter contribuído para a alteração das temáticas tratadas naquelas páginas.

Outros temas ainda podem ser encontrados na seção de literatura d'*O Sexo Feminino* como Deus, religião, criação do mundo e da natureza, assim como poesias sobre música, amor, família e infância que também aparecem secundariamente no editorial e nas outras partes do jornal, mas que não se configuraram como temáticas centrais.²²

No ano de 1873, observamos que o foco dos textos sobre educação e instrução, no editorial, são voltados à defesa do direito da mulher à educação, oferecendo assim outra opção para a mulher do Oitocentos, além do ambiente familiar, sugerindo que a mesma poderia frequentar outros espaços como a Escola Normal. Acreditamos que no século XIX a participação da mulher em outros espaços, para além do familiar e do doméstico, contribuiu para que *O Sexo Feminino* existisse e também para a garantia do seu êxito na época. Segundo Andréa Lisly Gonçalves, é difícil delimitar e datar a criação de um movimento em torno da questão feminina no século XIX, porém ela acredita que a participação da mulher no espaço público contribuiu para a formação desse movimento:

“Mais provável, porém, é que a dificuldade real esteja em datar um movimento que se manifesta em lugares e mediante formas e iniciativas as mais variadas. E que exatamente por ser um

²¹ Os editoriais não são assinados, porém em alguns deles a escrita se dá em primeira pessoa, o que nos revela que os editoriais eram escritos por Francisca Diniz.

²² Alguns dos textos citados na seção de literatura e poesia são assinados.

movimento, não se reduz apenas as mobilizações que se intensificaram no século XIX em torno da “questão feminina”, mas que corresponde ao processo crescente e com ritmos variados da participação das mulheres no mercado de trabalho, da paulatina presença feminina no espaço público, na atuação de porta vozes que a partir de lugares considerados como verdadeiros redutos femininos, como no caso da literatura, como se verá, se manifestam por meio da palavra escrita, da oratória, das publicações em jornais.”²³

Ao olharmos para *O Sexo Feminino*, observamos que, no ano de 1873 nas colunas de literatura o jornal contou com textos e poesias assinadas. Já no ano de 1874, houve uma modificação. Embora continuasse contando com as poesias, o periódico passou a publicar a seção nomeada “Moral” que possui textos e frases com desfecho moralizante.²⁴

Outra novidade para o ano de 1874 n’*O Sexo Feminino* foi a inserção do folhetim que apareceu em uma nova seção de nome “Transcrição”²⁵. O folhetim de estreia foi intitulado **A MULHER** e foi assinado por José Miguel de Siqueira e dedicado ao seu amigo Cândido Ignácio Ferreira Lopes²⁶.

Esse folhetim foi dividido em seis números do jornal *O Sexo Feminino* sem periodicidade definida²⁷. “**A mulher**” conta sobre várias fases da vida das mulheres como a maternidade, a relação entre mãe e filho, a mulher como esposa e companheira do homem e a mulher como filha. Aborda o surgimento da mulher de acordo com o

²³ GONÇALVES, Andréa Lisly. História & Gênero. Belo Horizonte. Autêntica, 2006. Página 18.

²⁴ Algumas dessas frases são assinadas por personagens como Francis Bacon e também por populares assinantes do jornal.

²⁵ Esta seção aparece pela primeira vez no jornal *O Sexo Feminino*. Cidade de Campanha, 18 de abril de 1874. Num 29. Ano 1. Página 01.

²⁶ O texto **A mulher** é oferecido para Cândido Ignácio Ferreira Lopes que é inspetor do 18º círculo literário e diretor do Externato e Escola Normal da cidade de Campanha-MG.

²⁷ O folhetim **A mulher** aparece nos exemplares do jornal *O Sexo Feminino*. Cidade de Campanha. Ano de 1874. Números 29,31,36,37,38 e 40.

livro Gênesis da Bíblia, e a trajetória da mulher desde o seu nascimento até a idade adulta.

No folhetim **A mulher** o tema da educação e da instrução também foi colocado, destacamos o seguinte trecho:

“No entanto, que demonstrado está a luz clara que a mulher é capaz de adquirir os mesmos conhecimentos, e de elevar-se a mesma altura de glória que o homem.(...) (...) Mas, para atingir –se a este desideratum, é preciso que a mulher seja olhada, não como serva humilde, nem como um traste indispensável de nossas casas, e nem tão pouco como uma máquina reprodutora, não de valores, senão de filhos, como alguém há pretendido, a ponto de considerar como mera consumidora, por outros termos – um fardo; não assim, mas como a encara o escritor quando diz: “Que a mulher foi criada para companheira racional do homem, e não para escrava de sua paixão; o fim de seu ser não é meramente para gratificar seus lícitos desejos, mas para lhe assistir nos trabalhos da vida; para o pacificar com sua brandura, e para recompensar o seu cuidado com ternas carícias(...)”²⁸

José Miguel de Siqueira termina o folhetim **A Mulher** com um tom moralizante, citando que alguns filósofos, como Voltaire e Lamartine, só adquiriram certas qualidades, por causa da educação de suas mães. Ressalta ainda a importância da educação dos filhos pelas mulheres, acreditando que o destino da educação dos filhos cabe à mulher.

²⁸O Sexo Feminino. 19 de junho de 1874. Num 36. Ano 1. Página 03.

Não sabemos qual a intencionalidade da publicação do folhetim **A Mulher**, especialmente o fato de ter sido assinado por um escritor do sexo masculino e dedicado a outro homem. Sabemos qual a finalidade dos textos de tom moralizante para a mulher, mas não sabemos o porquê de não haver um folhetim escrito por uma mulher destinado às leitoras do jornal. Podemos pensar na quantidade de mulheres letradas e ainda a pouca quantidade de mulheres escritoras no século dezenove, talvez por isso não tenha existido um texto de literatura n' *O Sexo Feminino* escrito por uma mulher dedicado às mulheres.

Outra novidade n' *O Sexo Feminino*, do ano de 1874 são os editoriais que recebem textos de contribuições, não vistos nos editoriais de 1873. Acreditamos que os editoriais foram escritos pela proprietária e redatora do jornal D. Senhorinha Francisca da Mota Diniz, conforme afirmado anteriormente.

Em 1874 o editorial continua no mesmo formato do ano anterior, porém conta também com textos de contribuições que acreditamos ser de outros periódicos da época²⁹ e também com cartas de leitores d' *O Sexo Feminino* que são publicadas no editorial.

No periódico de 06 de junho de 1874, é publicada no editorial uma carta de Olympio Catão, da cidade de Lorena, que se refere ao suicídio de uma leitora d' *O Sexo Feminino*, da cidade de Bagagem-MG.³⁰ A carta é respondida pela redatora do jornal nos exemplares de número 37 e 38, e também no editorial. O editorial que tratou do suicídio da moça de Bagagem nos chamou atenção. Segue um trecho do mesmo:

“Mais uma infeliz moça na primavera da vida, desapareceu do livro dos vivos, uma assinante de menos, a morte veio riscar seu nome da lista das coadjutoras da grandiosa ideia que alimenta esta folha.

No dia 31 de dezembro do ano passado, D. Anna Petronilha do Espírito Santo, moça de 24 para 25 anos, natural de Paracatú, e moradora na Bagagem, filha do advogado Vicente Chrispinaino, pôs termo a sua existência, precipitando-se em um rio

²⁹ Alguns textos do editorial possuem assinaturas como: Da Aurora, Do Independente de Campos e José de Souza Lima e D. Ignez Flávia d' Aguiar Mourão.

³⁰ O suicídio de uma leitora d' *O Sexo Feminino* moradora da cidade de Bagagem-MG foi noticiado no jornal *O Sexo Feminino*. Cidade de Campanha, 7 de março de 1874. Num 24. Ano 1. Página 01.

encachoeirado, sendo arrastada a esse ato de loucura pelo malogro de um consórcio desejado ardentemente por ela, mas não correspondido pela ingratidão de talvez vil e infame sedutor, desses que formigam na sociedade, e vivem por esta acariciados, em vez de repelidos por indignos.

A infeliz deixou uma carta onde, consignando a irreligiosa ideia que crescia em sua alma, expos circunstanciadamente todos os pormenores de sua paixão para com o ingrato, que recusava-lhe sua mão de esposo.

O estilo livre dessa carta e sua extensão não se acomodarão nas acanhadas colunas deste periódico, que por isso deixa de aqui transcrevê-lo.

Amada de seus desditosos pais, geralmente estimada por todos que a conheciam, essa infeliz moça entretinha-se com a leitura, e era entusiasta da ideia da emancipação do nosso sexo, comprazendo-se com o risonho despontar de um futuro que bem depressa virá operar a regeneração da sociedade pela instrução e educação da mulher.

O corpo da infeliz foi achado no dia seguinte, foi dado à sepultura, desacompanhado das cerimônias últimas da igreja, mas seguido de corações amigos e cristãos que foram dizer-lhe o último adeus na beira da campa no cemitério.”³¹

Após apresentar a situação aos leitores d’*O Sexo Feminino*, Senhorinha Diniz coloca uma reflexão frente ao acontecimento:

³¹ *O Sexo Feminino*. 07 de março de 1874. Num 24. Ano 1. Página 01.

“Sociedade, sociedade, que vindes atravessando os séculos até este nosso civilizador século XIX – sois culpada de que se pratiquem atos destes na atualidade.

Governos, que superintendeis sobre a sociedade nacional sois culpados do aparecimento de atos tais.

Pais de família, que descurais da educação moral e religiosa de vossa inocente prole sois também culpados!

Professoras e professores que não inoculais em vossos alunos a verdadeira educação física, moral e intelectual, tendes também culpa.

Pastores descuidosos do rebanho de Cristo, que não alimentais vossas ovelhas, ministrando-lhes o prado espírito, e aí plantando o amor e temor de Deus, os são princípios da nossa religião e moral, não podeis reclinar sobre a vós a grande responsabilidade da perda de mais uma ovelha.

Sim -a sociedade é culpada, porque só cura de ajuntar ouro, ouro e mais ouro, curvando-se subserviente aos seus membros, idólatras deste metal, muito embora veja neles poços de inúmeros vícios e dos mais feios crimes.

Os governos são culpados porque só cuidando de fazer convergir todos seus esforços para melhoramentos eleitorais e progresso material, não trata de retribuir convenientemente aos labores de um professor que a par de lições de religião, implante o amor e fiel cumprimento dos deveres para com Deus, para consigo e para com seu semelhante, isto é, os princípios da

sua moral, cuja lastimável e reprovadíssima infração verifica-se neste suicídio.

Pais de família sois culpados, porque não tendo vós perfeito conhecimento da ciência de educar, não procurais esposas que possam torna-se educadoras de vossa prole. Não concorreis para regeneração da mulher, única capaz de guiar as crianças para o caminho do bem que vai direto a Deus!

Professores e professoras sois culpados porque em vosso sacerdócio do magistério não conheceis a árdua, difícil e pesada tarefa da tríplice educação que deveis ministrar a vossos alunos, inocentes criaturas, penhores sagrados confiados a vossa direção científica e dos quais deveis ser um vivo exemplo de todas as virtudes.”³²

Após a publicação de um editorial voltado para o suicídio da moça de Bagagem, passados três meses, também no editorial é publicada uma carta, que percorre três páginas do jornal, assinada por Olympio Catão, morador da cidade de Lorena:

“Senhora.

Neste momento tenho diante de meus olhos um escrito vosso. Notícia do suicídio de uma moça, na Bagagem, e que era apreciadora d’*O Sexo Feminino*.

Vossa hábil pena, ao traçar aquelas palavras, achava-se sob a influência de dois sentimentos opostos: indignação e dó.

Eu louvo o vosso agastamento, respeito vosso luto.

³²O Sexo Feminino.07 de março de 1874. Num 24. Ano 1. Página 01.

Ainda uma vez registrou a História do sofrimento do vosso sexo e a maldade do meu!

Tanto pior para nós: tanto mais sublime para o vosso sexo.

A leitura deste artigo inspirou-me uma viva simpatia por essa mulher heroica que trabalhou ao vosso lado como obreira do progresso como redentora do gênero.”³³

Por meio deste trecho, podemos pensar sobre a relação que a redatora tinha com os leitores de seu jornal, primeiramente por escrever um texto em memória de uma leitora e também por publicar uma carta de um leitor sobre um acontecimento mostrando assim a repercussão do mesmo. Ao falar de repercussão podemos pensar ainda que o fato se deu em Minas Gerais na cidade de Bagagem e alcançou a cidade de Lorena em outro estado.

Ainda sobre o suicídio da moça de Bagagem, Olympio Catão obtém a resposta da redatora em outro exemplar do jornal.

Durante 7 de setembro de 1874(data de aniversário de 1 ano d'*O Sexo Feminino*) e 22 de julho de 1875 o periódico *O Sexo Feminino* passa por um hiato. A partir de 1875 o jornal passa a ser editado na cidade do Rio de Janeiro.

Neste ano,o jornal muda sua forma estética, assim como seu preço de assinatura e tipografia, porém, a frase de Aimé Martin³⁴ e o formato do jornal com 4 páginas foram mantidos.

Retomado após quase 1 ano, o primeiro editorial d'*O Sexo Feminino* de 1875 conta um pouco sobre a trajetória do periódico e sua história:

“Criado em 7 de setembro de 1873 um periódico hebdomadário com o título supra, jornal dedicado aos interesses da mulher, vimos com prazer completar seu primeiro ano, sem que sofrêssemos nenhuma

³³ *O Sexo Feminino*.06 de junho de 1874. Num 34. Ano 1. Página 01.

³⁴ Os periódicos contavam com a seguinte frase de Aimé Martin no seu cabeçalho: “É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem” Aimé Martin foi um escritor francês do século XIX.

contrariedade, e ao contrário tivemos a satisfação de ver que nossas ideias tornarão aceitas e louvadas pelos bons pensadores e amigos do progresso.

Por motivos justificáveis tivemos de interromper por alguns meses a publicação de nossa folha, mas agora continuamos animosas do bom acolhimento que ela terá, deste povo fluminense, sempre entusiástico pelas ideias de progresso. A redatora tudo espera das Senhoras, não só da Corte, como das províncias, para a coadjuvação e sustentação da folha e da ideia, oferecendo desde já suas páginas a todas aquelas que as honrarem com seus bem elaborados escritos, nos precinetes do programa”.³⁵

Em 1875 e 1876 o editorial continua falando sobre a educação e a instrução da mulher. O que nos chamou atenção foi alocalização do folhetim, que anteriormente se apresentava na terceira página e agora passa a integrar a primeira página, dividindo espaço com o editorial. Podemos pensar que essa mudança estrutural possa ter acontecido pela popularidade dos folhetins na época ou a repercussão dos mesmos no próprio jornal.

1.2 O Sexo Feminino e suas literaturas

Apesar de sofrer algumas modificações estruturais, no ano de 1875, a seção de literatura continuaria integrando o periódico, de modo que ocupava geralmente a sua terceira página. Os assuntos decorrentes dessa seção continuam sendo poesias sobre amor, natureza, vida, moral e heroísmo.³⁶ Um assunto que começou também a aparecer na parte de literatura foi o casamento.

³⁵ O Sexo Feminino. 22 de julho de 1875. Num 1. Ano 2. Página 01.

³⁶ Ao contrário dos textos dos anos de 1873 e 1874, a seção de Literatura é raramente assinada no ano de 1875.

Outro assunto que nos chamou atenção na seção de literatura d' *O Sexo feminino* no ano de 1875 foram dois textos que falam sobre os homens, intitulados “Os homens julgados pelas mulheres” de modo que ambos continham assinaturas. Questões sobre o casamento e a presença masculina numa revista editada por mulheres serão discutidas no próximo capítulo desta monografia.

No exemplar de 14 de agosto de 1875 d' *O Sexo Feminino*, há um texto intitulado “Os homens julgados pelas mulheres”, de autoria de uma mulher, Maria Deraisme:

“O romance e a História nos pintam os homens, mas de qualquer dos modos, são os respectivos retratos infieis.

Os homens são muito diferentes das estátuas, estas tornam-se mais pequenas vistas de longe, aqueles pelo contrário, quando mais de perto se observam, menores proporções assumem.

O comum dos homens, pensa pouco, é sumamente crédulo e decide-se antes por instinto do que pela reflexão.

Os homens assemelham-se uma pendula, a qual tende ao repouso pelo movimento.

Em regra os homens depõem a entrada de sua casa a amabilidade de que se revestem ao saber dela.

Não posso deixar de rir, quando vejo homens terem a proteção de ensinar a mulher o que ela é, enquanto que é ela quem lhe deve ensinar.

Deixai falar a mulher, dizia Infantino, e nós saberemos o que ela sente, o que ela pensa, o que ela quer. Não temos direito algum de impor-lhe condições de existência sem saber se lhe convém.

Se a desordem reina na sociedade, por exemplo, se a mulher reclama os seus

direitos civis, se ela pede o livre exercício das faculdades, se pretende que deve receber uma instrução igual a do homem, que se tem obstinado a ser ainda mais tolo do que o pai Adão, ignora o que deve saber, e torna-se, partindo daí, incapaz de ser para sua mulher: pai, irmão, esposo, amigo, padre, em uma palavra, seu diretor espiritual.

Refutação do homem-mulher por
Maria Deraisme”.³⁷

Através desse trecho vemos que também no Rio de Janeiro *O Sexo Feminino* não estava sozinho em relação aos seus ideais. Passados dois anos da sua primeira publicação em Campanha-MG o periódico continua recebendo contribuições de leitores e leitoras que apoiam o motivo da existência do jornal.

1.3 O Sexo Feminino e seus folhetins

Um dos pontos centrais da literatura publicada nesse periódico foram os folhetins. Nos anos de 1875 e 1876, *O Sexo Feminino* apresentou aos seus leitores e às suas leitoras simultaneamente a publicação de dois folhetins, um intitulado **Mathilde e Eduardo: Romance Moral** com assinatura de D****³⁸ e **Vaidade e Candura: Romance Moral** sem assinatura.³⁹

O folhetim **Mathilde e Eduardo** mostra a história de dois jovens vizinhos da província francesa de Limousin que tiveram seu casamento ajustado por seus familiares, porém o casamento não pôde se realizar em virtude da distância que se encontrava o casal por causa da mudança de Eduardo de cidade. Essa mudança havia ocorrido para que o jovem acompanhasse o pai nos negócios.

³⁷ *O Sexo Feminino*. 14 de agosto de 1875. Num 4. Ano 2. Página 02.

³⁸ O folhetim *Mathilde e Eduardo* aparece nos exemplares de *O Sexo Feminino*. Ano de 1875. Ano 2. Números 1,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18.

³⁹ O folhetim *Vaidade e Candura* aparece nos exemplares de *O Sexo Feminino*. Ano de 1875. Ano 2. Números 2,3,4,5,6,7.

Mathilde, uma jovem órfã, passa a morar com uma tia e ao mudar para a casa de sua tia fica vizinha de Eduardo com quem seu casamento é ajustado. Após a viagem de Eduardo a Paris e a morte da tia e tutora de Mathilde, eles iniciam a troca de cartas. Eduardo recebe uma carta de Mathilde, dizendo que só aceitou os acertos do casamento em obediência à sua tia e que não desejava mais se casar com ele.

Agora com a liberdade de escolher o seu destino a jovem não desejava mais se casar com Eduardo, pois vivia em uma casa com uma amiga e recebia galanteios do irmão de sua amiga, morador da mesma casa. Eduardo não acreditou no que o destino lhe preparou. Após um ano da troca de cartas, o pai de Eduardo anseia casá-lo com uma jovem moça da sociedade parisiense. Entristecido com a ideia de um casamento com outra pessoa que não Mathilde, Eduardo parte de viagem sem o consentimento do seu pai e vai às escondidas ao encontro da sua amada, por acreditar que talvez seu pai tivesse interferido nas cartas entre ele e Mathilde e as modificou. Após ir ao encontro de Mathilde, Eduardo fica sabendo que ela não se casou com o irmão da amiga que lhe oferecia abrigo, tentou retornar ao convento que já havia estado anteriormente e o abrigo lhe foi recusado. Restou à Mathilde hospedar-se na casa de um tutor em outra cidade, nesta casa moravam o tutor e uma outra mulher de péssima reputação com a qual Mathilde vivia na maior intimidade.

Ao encontrar Mathilde ambos descobrem que o pai de Eduardo havia interferido nas cartas do casal e havia espalhado notícias não verdadeiras sobre a reputação de Mathilde. Por isso decidiram se casar e ficar juntos, porém Eduardo recebeu criados de seu pai que o ordenavam a voltar para casa imediatamente. Eduardo acabou indo ao encontro de seu pai, mas prometeu retornar e se casar com Mathilde. No entanto, ao chegar à casa de seu pai, Eduardo recebeu um bilhete com as seguintes palavras: “Um ingrato, um rebelde, não é já meu filho: sois agora meu prisioneiro. Eu não vos verei senão depois de ter formalmente prometido por escrito, uma obediência sem limites.”

Temos acesso ao jornal *O Sexo Feminino* somente até o exemplar de número 22 que data 2 de abril de 1876, por isso não sabemos o final da história do romance moral **Mathilde e Eduardo**, porém achamos pertinente a narração da história até aqui. Acreditamos que o folhetim tinha um propósito na sua publicação n’*O Sexo Feminino*, não apenas para integrar a parte de literatura do periódico, mas também passar aos leitores e leitoras uma mensagem que os sensibilizassem com questões

como: casamentos arranjados por familiares, o fato de que casamentos no século XIX deveriam relacionar-se ao amor e não à questão social, conforme ainda ocorria e aparecia defendido pelo pai de Eduardo, a reflexão sobre o casamento de uma moça pobre com um rapaz de posses, a posição da palavra da mulher perante a palavra do homem na época, a visão sobre uma mulher que não vivia em um local com seus familiares e ainda o poder masculino que era exercido na época representado pela figura do pai de Eduardo.

O outro folhetim intitula-se **Vaidade e Candura** e se refere à história de duas primas, Nathalia Vermont e Adelina Lambert, sendo que ambas passaram a infância juntas e foram esposadas no mesmo dia, devido a essa amizade seus maridos se ligaram intimamente.

Nathália se queixa da vida que leva e do tédio da sua vida cotidiana, mas confessa a Adelina que frequentava festas de outros setores da sociedade e que se encontrava com outros homens sem a ciência do seu marido, além de consumir joias e contrair dívidas. Por conta de suas dívidas, o marido de Nathália se informa da vida que a esposa levava e por este acontecimento Nathália se envenena e morre nos braços de sua prima Adelina.

Como romance moral, **Vaidade e Candura** revela a morte de uma mulher em resultado da vida vaidosa que levava e apresenta mais uma vez, em tom moralizante às suas leitoras o desfecho da história.

Ao contrário de **Mathilde e Eduardo** que se revela como um romance que relata as dificuldades de um jovem casal para ficarem juntos que aborda temas como amor, casamento e o desfecho feliz para aqueles que acreditam no casamento por amor e na persistência de um amor idealizado, **Vaidade e Candura** se mostra como um folhetim que busca mostrar qual deveria ser a conduta ideal de uma boa esposa e quais “passos” uma boa esposa deveria seguir para ter um casamento feliz e próspero, caso o contrário se envolvesse em luxúria e traição o seu casamento definharia acarretando problemas também na vida do marido, mostrando que uma boa esposa seria o essencial para a manutenção de um bom casamento e também de uma vida estável para o marido.

Observamos então que o tema casamento se torna cada vez mais recorrente no periódico, desta forma, dedicamos assim o próximo capítulo para debater este tema.

CAPÍTULO II – O SEXO FEMININO E O CASAMENTO

Neste capítulo temos como objetivo analisar, num primeiro momento, o jornal *O Sexo Feminino* e suas impressões sobre o casamento no século XIX, ressaltando a importância do debate desse tema nos seus editoriais, sempre dialogando com o primeiro capítulo deste trabalho que abordou a atuação e importância dos editoriais d' *O Sexo Feminino*.

Abordaremos também a visão que Francisca Senhorinha Diniz tinha sobre o casamento e qual o recorte que a mesma fazia em torno desse amplo tema que pode se desdobrar em vários outros. Embora o tema do casamento seja amplo, a redatora do jornal prioriza em debater o casamento propriamente dito, e suas mudanças estruturais perante o modelo imposto no século anterior.

Quando escrevia sobre o casamento, Francisca Diniz direcionava seu texto para as suas leitoras, advertindo-as sobre alguns percalços dessa instituição e chamando a atenção das mesmas, mais uma vez, para a importância da instrução da mulher no século XIX.

2.1 O casamento sob o olhar d'O Sexo Feminino

Conforme vimos no primeiro capítulo deste trabalho, os editoriais tiveram grande destaque dentro d' *O Sexo Feminino* e seu conteúdo enfrentou temas bastante polêmicos àquela época.

No número publicado em 08 de novembro de 1873 ⁴⁰ o tema do casamento aparece pela primeira vez no jornal, justamente em seu editorial. Embora o texto não tenha sido assinado, é provável que seja de Francisca Senhorinha da Mota Diniz.

Segundo Francisca Senhorinha “o casamento é o meio de legitimar perante a sociedade a união dos sexos”⁴¹. Por outro lado, também afirmava:

“Repitamos, na nossa atual sociedade, o casamento não passa de um meio de fazer fortuna depressa, sem as

⁴⁰O Sexo Feminino. 8 de novembro de 1873. Num 10. Ano 1.

⁴¹O Sexo Feminino. 8 de novembro de 1873. Num 10. Ano 1. Pág 01.

dificuldades e as privações que acompanham uma vida laborosa”⁴²

Após colocar suas ideias sobre o casamento e apresentar o panorama sobre o mesmo na época, a redatora do jornal aborda um tema bastante interessante que está condensado ao casamento nos séculos XVIII e XIX, o dote⁴³:

“Que sorte aguarda na sociedade uma infeliz pobre moça, que para um destes maridos pesou na balança tanto quanto o seu dote pecuniário?

Quotidianamente estamos vendo exemplos destes, e aquela que só cuidou em ornar o seu externo para agradar descuidando-se da cultura do seu espírito, vê se abandonada muitas vezes em terra estranha, por aquele a quem a melhor boa fé recebeu a face do altar como marido.”⁴⁴

Francisca Senhorinha aborda o dote neste editorial e como uma consequência infeliz do dote ela conta histórias sobre maridos que se aproveitam apenas do dote da esposa para fazer fortuna e muitas vezes perdem seu patrimônio ficando assim a esposa à mercê da sua própria sorte:

“Acabado o pecúlio do dote, passada a lua de mel, desaparecidos os enfeites exteriores, desbotada a mocidade, aproximada a idade madura, multiplicados os janeiros, a realidade

⁴²O Sexo Feminino. 8 de novembro de 1873. Num 10. Ano 1. Pág 01.

⁴³ Dote foi uma prática que consistia no oferecimento de uma quantia de bens e dinheiro oferecida a um noivo pela família da noiva para acertar o casamento entre os dois. Uma mulher sem dote poderia ser preterida pelo noivo na escolha para se casar.

⁴⁴O Sexo Feminino.8 de novembro de 1873. Num 10. Ano 1. Pág 01.

aparecerá com seu cortejo de infelicidades e privações.”⁴⁵

Quando Francisca Senhorinha Diniz fala sobre casamento, várias vezes ela se remete ao dote, para entender melhor a definição desta prática nos valem as palavras de Muriel Nazzari:

“O dote foi uma instituição europeia que os portugueses, colonizadores do Brasil no século XVI, trouxeram com eles, juntamente com o cristianismo e outros implementos culturais europeus. De acordo com a lei e os costumes portugueses, conceder um dote a uma filha constituía dever dos pais, análogo ao dever de alimentar e cuidar dos filhos, e só era limitado pela amplitude dos recursos que dispusessem”⁴⁶

No livro *“O Desaparecimento do Dote: Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900”* Muriel Nazzari faz um panorama da prática do dote entre os séculos XVII e XIX tendo como objeto de estudo inventários de famílias paulistanas para analisar o dote e seu declínio ao longo dos séculos. Nazzari entende que o dote foi uma prática numerosa nos séculos XVI e XVII, mas após o século XVII algumas mudanças estruturais acarretaram a diminuição do dote:

“As mudanças sofridas pela sociedade brasileira que ajudam a explicar a decadência e o desaparecimento do dote são muitas das mesmas transformações que têm sido observadas nas regiões mais centrais do mundo ocidental. Passando por um longo processo que se iniciou no século XVIII e

⁴⁵O Sexo Feminino. 8 de novembro de 1873. Num 10. Ano 1. Pág 02.

⁴⁶ NAZZARI, Muriel. O desaparecimento do dote: mulheres, família e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600 – 1900. 2001. Pág 16.

continuou até o início do século XX, o Brasil mudou, de uma sociedade hierárquica, tipo *ancien régime*, na qual eram primordiais a posição social, a família e as relações clientelistas, para uma sociedade mais individualista em que, cada vez mais, passaram a dominar o contrato e o mercado. Uma sociedade verticalmente repartida em clãs familiares transformou-se gradativamente em uma sociedade dividida horizontalmente em classes.”⁴⁷

Assim, entre os séculos XVII e XIX novos conceitos foram se formando sobre família, sociedade, economia e as formas de se relacionar com o outro também. O modelo de família extensa entrou em decadência, dando lugar ao modelo de família conjugal, antes o casamento se pautava na propriedade privada e no valor dos bens, a partir do desenvolvimento do capitalismo e da maior autonomia dos filhos para com seus patriarcas, o casamento passou a pautar-se na livre escolha dos noivos juntamente com a ideia de amor conjugal e o desaparecimento do dote.

Já em meados do século XIX no Brasil o pacto matrimonial havia se alterado, como a noiva não trazia para o casamento dote algum ou apenas um pequeno dote o marido, a partir desse momento, o casamento passa a ser encarado mais como vínculo pessoal entre indivíduos do que uma questão de bens, assim, a autoridade do pai para com as filhas diminuiu, porém o poder do marido sobre a esposa pode ter aumentado.⁴⁸

Como o “desaparecimento do dote” de acordo com Muriel Nazzari se deu entre os séculos XVIII e XIX no Brasil, acreditamos que a questão do dote era de grande debate na época e por ser um tema de destaque e também por ser ligado à mulher, o tema apareceu diversas vezes n’*O Sexo Feminino*.

Após abordar o dote e suas consequências a redatora do jornal alerta suas jovens senhoras leitoras sobre os infortúnios que um casamento pode causar e ainda defende a

⁴⁷NAZZARI, Muriel. O desaparecimento do dote: mulheres, família e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600 – 1900. 2001. Pág 22.

⁴⁸NAZZARI, Muriel. O desaparecimento do dote: mulheres, família e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600 – 1900. 2001. Pág 211.

independência da mulher perante o homem dentro do casamento através da educação e instrução:

“Moças solteiras, acautelar-se de futuros destes, não vos deixeis seduzir pelo fofô orgulho de luxo e de vaidade.

Sedes independentes do homem por meio de uma educação apurada que deveis vos procurar: cultivai sobre tudo vossa inteligência com a maior soma de instrução que puderdes, ornai o vosso espírito com o temor de Deus, expurgai a vossa alma desses vãos temores que embustes supersticiosos, amai o trabalho, e si vos casardes, não temerei um futuro triste o que acima vem escrito.

Minhas patricias: a instrução e muita instrução vos aconselho: lede o grande livro da vida , o livro do povo, lede os periódicos, cultivai a imprensa e só assim podereis vir a conhecer os vossos direitos, as vossas obrigações e os encargos e mais compromissos de vossos maridos que podem trazer a felicidade ou a ruína de vosso casal.”⁴⁹

Com a leitura desses trechos, podemos perceber a posição de Francisca Senhorinha Diniz perante o casamento. A redatora era casada, professora, mãe e mulher cristã, apresentava-se de forma favorável ao casamento, no entanto, esse não deveria ser um espaço de anulação e subjugação da mulher, que, para fugir desse destino, precisava se instruir. Ao mesmo tempo em que essa redatora parecia defender certa independência das mulheres, por meio do recurso da instrução, os argumentos dela também eram favoráveis à manutenção daquela instituição.

⁴⁹ O Sexo Feminino. 8 de novembro de 1873. Num 10. Ano 1. Pág 02.

Discussões acerca do casamento não estiveram presentes apenas nos editoriais d'*O Sexo Feminino*. No número publicado em 27 de setembro de 1873⁵⁰ na seção de "Variedades" há um pequeno texto que ocupa uma coluna do jornal, intitulado "O dote de uma noiva". Esse texto não foi assinado.

"O dote de uma noiva" conta a história de um pai que, no momento em que a filha se casa, entrega ao futuro marido um bilhete contendo o valor do dote, mas também explicitando as qualidades da filha, segue um trecho do bilhete:

"Dote de minha filha:

Educação esmerada, consciência reta e suficiente esperteza, tudo isso valerá 80.000reales. Minha filha não é coquete, qualidade, que deve estimar-se em outro 80.000. É virtuosa, amiga da ordem e da economia, capaz de dedicar-se inteiramente aos seus deveres e a direção da casa, 120.000 reales. Não gosta de assistir a bailes nem a espetáculos, qualidade que pode bem avaliar-se em 40.000 reales. É ativa, laboriosa, e pode dispensar as modistas e as costureiras, o que bem vale outros 40.000.

E por último lhe deu 40.000 em dinheiro, que valem mais do que valeria uma grande fortuna em uma mulher de defeitos opostos às qualidades que felizmente adornam minha filha. Total 400.000 reales.

Como pode julgar-se, ficou surpreso e ligeiramente desgostoso o noivo ao inteirar-se do que rezava a

⁵⁰O Sexo Feminino, 27 de setembro de 1873. Num 04. Ano 1. Pág 02.

cédula total, mas depois de um momento de reflexão, decidiu-se a aceita-la e os resultados do casamento hão sido tão felizes, que está sempre dizendo que seu sogro ainda avaliou em muito pouco as prendas de sua filha, porque esta lhe tem dado a paz, fortuna e felicidade doméstica.”⁵¹

Após lermos a história sobre o dote da filha publicado n’*O Sexo Feminino* percebemos que as colaboradoras do jornal queriam explicitar que as virtudes da mulher do século XIX excediam aos valores pecuniários do dote. Apesar de o texto ter sido publicado no jornal, não sabemos se ele foi um caso contado ou apenas uma narração inventada para servir de exemplo às leitoras, para que as mesmas excedam seu valor perante o dote, ressaltando assim suas qualidades, ou se o texto deveria servir de exemplo para os pais dessas moças que ainda são favoráveis à prática do dote, para que eles também valorizassem outras qualidades de suas filhas para além do dote, ou o texto poderia ter sido escrito para ensinar aos homens da época a não valorizar tão grandemente o dote, mas também as outras qualidades das mulheres suas contemporâneas.

Outro texto n’*O Sexo Feminino* nos chamou atenção. No exemplar de 27 de setembro de 1874⁵². Nesse exemplar encontra-se um editorial atípico. Datado de 13 de junho de 1874, o editorial refere-se a um protesto luso-feminino que foi publicado no periódico *O Apóstolo da Corte* sobre casamento civil.

Nesse texto fala-se sobre um protesto feito em Lisboa por senhoras portuguesas em relação ao casamento civil, protesto este que ocorreu em 08 de dezembro de 1866. Neste editorial Francisca Senhorinha Diniz convida toda a imprensa para debater e publicar em seus jornais questões sobre o casamento civil. Desde o início do texto, Francisca Senhorinha Diniz se coloca contra o casamento civil, mas propõe o debate entre a imprensa para “ilustrar” seus leitores. Segundo a redatora a religião pertence à moral do homem e não há como distanciar o casamento da religião e ainda culpa os homens pela tentativa de desmoralização da mulher. Eis o protesto:

⁵¹O Sexo Feminino. 27 de setembro de 1873. Num 04. Ano 1. Pág 03.

⁵²O Sexo Feminino. 13 de junho de 1874. Num 35. Ano 1. Pág 01.

“Só homens sem entranhas nem coração, só homens cegos e descritos, e que talvez(desgraçados) não conhecerão mãe! Não tem esposa nem filhos, nem irmãs poderão aprovar jamais o monstruoso projeto de legalizar a desonra da mulher.

Nós que pertencemos a esse sexo hoje tão indignamente ultrajado, protestamos contra o projeto de lei do casamento civil, rejeitamos todas as pretendidas vantagens que ele possa prometer-nos. Não reputamos como sagrados outros laços senão aqueles que Jesus Cristo consagrou, não queremos outras cadeias nem outra liberdade senão aquelas que a religião autorizou.

Em nome de nossos mais caros interesses de coração, interesses de felicidade doméstica e de dignidade social, em nome de nossas filhas que hão de ser as mães da geração futura, de que procuram desde já manchar o berço, em nome de tudo que se possa invocar de mais sagrado e caro – religião, família e pátria, protestamos contra essa lei iniqua, e protestamos com todas as faculdades de nossa alma, com toda a energia do nosso querer.

Lisboa, 8 de dezembro de 1866”

Embora não existam mais textos direcionados ao casamento civil n’*O Sexo Feminino*, no exemplar de 18 de agosto de 1874⁵³ a contraposição entre casamento religioso e civil é posta novamente em um texto sobre amor conjugal que está no editorial e chama atenção para a citação bíblica no seu início:

⁵³ O Sexo Feminino. 18 de agosto de 1874. Num 42. Ano 1. Pág 01.

“Vós, maridos, amei a vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja” Epístola de São Paulo, cap5vers 25.

Neste editorial há a sugestão de que as mulheres deveriam ser leitoras da Bíblia. Esse detalhe reforça o caráter moralizante daquele periódico e destaca o posicionamento de Francisca Senhorinha Diniz que parecia acreditar que a sociedade em que vivia carecia de mais moral e religião.

Senhorinha Diniz defende o casamento religioso ao destacar que o casamento civil era um simples contrato e, diferentemente, o casamento religioso seria um contrato abençoado. Segundo a Bíblia, homem e mulher devem se ligar através de um contrato abençoado que se restringe apenas ao casamento religioso.

Além de informar e colocar debates acerca do casamento n’*O Sexo Feminino*, a redatora e as colaboradoras publicaram, no exemplar de 12 de setembro de 1875⁵⁴ um texto sobre as obrigações do marido e da mulher casada que nos chamou atenção. O texto é assinado por um padre do Pará, mas não cita fontes de onde foi retirado. Segue o texto na íntegra:

Obrigações do marido

- 1º Amar a esposa, como Jesus Cristo ama a Igreja.
- 2º Respeitá-la como sua companheira.
- 3º Dirigi-la como lhe sendo sujeita.
- 4º Guardar-lhe todo amor e fidelidade.
- 5º Sustentá-la com decência.
- 6º Sofre-la com paciência.
- 7º Ajudá-la com caridade.
- 8º Repreende-la com benignidade.
- 9º Exortá-la ao bem com palavras e ainda mais com o exemplo.
- 10º Não ofendê-la nem desonra-la por fatos nem por palavras

⁵⁴O Sexo Feminino. 12 de setembro de 1875. Num 07. Ano 2. Pág 03.

11º Não fazer, nem dizer coisa em presença dos filhos, ainda que pequenos, que lhes possa servir de escândalo.

Obrigações da Mulher Casada

- 1º Amar o marido.
- 2º Respeitá-lo como seu chefe.
- 3º Obedecer-lhe com afetuosa prontidão.
- 4º Adverti-lo com discrição e prudência.
- 5º Responder-lhe com toda a mansidão.
- 6º Servi-lo com desvelo.
- 7º Calar quando o vir irritado.
- 8º Tolerar com paciência seus defeitos.
- 9º Não ter olhos, nem coração para outro.
- 10º Educar catolicamente os filhos.
- 11º Ser muito atenciosa e obediente para o sogro e a sogra.
- 12º Benévola com os cunhados.
- 13º Prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família.

(Conselhos do Bispo do Pará, D. Antônio)

Logo ao olharmos o texto, antes da sua leitura, observamos que enumera 13 obrigações para a mulher casada e 11 para o marido. Através da análise quantitativa podemos perceber que o texto sugere que a mulher deveria ter mais obrigações do que o marido.

Podemos ainda destacar que, embora as obrigações do marido e da mulher casada se assemelhassem em alguns pontos, eles se diferiam em outros, pois as obrigações do marido estão mais ligadas à proteção e sustento da mulher enquanto as obrigações da mulher casada estão mais ligadas ao respeito, obediência, submissão, servidão ao marido, educação moral e religiosa dos filhos e ainda ter uma relação de respeito e obediência com a família do marido. A família da mulher casada não é citada em nenhum momento nas obrigações do marido.

Acreditamos também que Francisca Senhorinha Diniz embora apoiasse uma independência maior da mulher ainda concordava que a mulher no âmbito familiar deveria ter mais obrigações e especial atenção à família, marido e filhos.

Consideramos que o casamento foi um tema recorrente n'*O Sexo Feminino*, aparecendo principalmente nos editoriais que se configuram como a seção mais importante de um jornal, logo, podemos apontar que o casamento era um tema de discussão decorrente no século XIX já que apareceu várias vezes em debate n'*O Sexo Feminino*.

Como já foi dito, Francisca Senhorinha Diniz como mulher casada e mãe apoiava fortemente o casamento, defendendo o casamento religioso.

Acreditamos que ao reportar o tema do casamento para as páginas do periódico, redatora e colaboradoras tinham a intenção de colocar o tema em destaque para que pudesse vir a ser tema de debate pela imprensa e pelos seus leitores e leitoras e ainda fonte de informação para suas leitoras tendo grande importância também na educação e instrução das leitoras quanto ao casamento, à moral religiosa e quanto ao comportamento das mesmas como senhoras casadas e mães de família. Por isso vemos a importância da Igreja Católica no século XIX, pois os assuntos apresentados n'*O Sexo Feminino* de alguma forma estavam sempre ligados à moral religiosa.

Ao se falar em comportamento destacamos que, além das aparições no editorial o tema do casamento apareceu também na seção **Variedades** em forma de pequenos textos e pequenas citações, ilustrando como se configurava um bom casamento no século XIX.

A seção **Literatura** foi uma seção que apresentou o casamento em diferentes formas de escrita, esta seção apresentou um texto sobre o casamento com assinatura sem identificação e ainda enriqueceu o periódico com os folhetins **A Mulher**, **Mathilde e Eduardo** e **Vaidade e Candura** que foram folhetins que apareceram no jornal dos anos 1874 até 1876 com temas voltados ao universo feminino como: amor proibido, casamento, amizade, traição, moral da mulher, etc. Esses folhetins possuem uma importância ímpar para *O Sexo Feminino*, pois foi uma forma de passar às leitoras e leitores do jornal lições que eram apresentadas no final de cada periódico. Dos três folhetins apresentados n'*O Sexo Feminino* dois continham assinatura desconhecida apresentada como D***** e **A Mulher** foi um folhetim escrito por José Miguel da

Siqueira ao seu amigo Cândido Ignácio Ferreira Lopes. Trataremos no próximo capítulo sobre essa presença masculina n'*O Sexo Feminino* e os seus desdobramentos.

CAPÍTULO III – SEXO FEMININO E SEXO MASCULINO

Nosso objetivo neste capítulo é pensar como a presença masculina aparece n'*O Sexo Feminino*. Num primeiro momento, analisaremos onde essa presença aparece e onde ela está sendo destacada.

No periódico *O Sexo Feminino* a presença masculina aparece de duas formas: em textos escritos pela redatora e colaboradoras que escrevem sobre os homens e como eles deveriam agir com as mulheres e também aparece em forma de vozes masculinas que são vozes colaboradoras do jornal.

Desta forma analisaremos a presença dessas vozes masculinas e o que elas pretendiam em publicações de um jornal feito por mulheres e para mulheres no século XIX.

3.1 O Sexo Feminino e a presença masculina em foco

Ao analisarmos mais uma vez os editoriais d'*O Sexo Feminino* nos deparamos com textos que refletem a presença masculina no periódico. Já no primeiro editorial do jornal que possui grande importância por ser o editorial de lançamento d'*O Sexo Feminino* na imprensa. No texto intitulado **A educação da mulher** possui um trecho direcionado aos homens em um jornal feito por mulheres e para mulheres:

“O século XIX, século das luzes, não se fundará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devido ao descuido que eles tem tido com a educação das mulheres e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousam de atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar.

Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc, mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina doméstica, a puericultura, a literatura(ao menos a nacional e a portuguesa), a filosofia, a história, a geografia, a física, a química, a história natural, para coroar esses estudos a instrução moral e religiosa(...)"⁵⁵

Ao analisarmos o trecho percebemos que, embora *O Sexo Feminino* seja um jornal escrito por mulheres e para mulheres, os textos também são direcionados ao público masculino. Como na época a maioria da população letrada pertencia ao sexo masculino pensamos que esse direcionamento foi proposital por parte da redatora do jornal.

No terceiro editorial d'*O Sexo Feminino* a presença masculina ainda é destaque no editorial que não possui título, mas é direcionado a discutir a educação e instrução da mulher juntamente com o combate à ignorância que a redatora considera como maior inimigo da educação da mulher:

"Há um reduto onde traiçoeiro reside o inimigo que procuramos combater: esse reduto chama-se a ignorância da mulher, esse forte que urge metralhar é defendido pela ciência dos homens.

A quem se deve a nenhuma instrução da mulher a sua descurada educação, a sua nenhuma importância social, o grão de aviltamento que tem sido reduzido o sexo frágil e a elevação a que tem chegado a corrupção dos costumes e a apoteose do

⁵⁵O Sexo Feminino. 07 de setembro de 1873. Num 01. Ano 1.

cinismo? Deve-se (triste verdade) deve-se ao sexo masculino a esses maus conselheiros que na sociedade estudam todos os ardis para mentirem à mulher lisonjeando lhe seu orgulho alimentando seus caprichos, e louvando sua vaidade, para em sua ausência rirem da credulidade da inexperiência da jovem, que imprudentemente deu crédito aos fementidos elogios que lhe fez o homem.

O homem parece encarar a mulher como faria a uma rosa, sem se lembrar que esta flor tem uma momentânea existência.

Não é o externo da mulher que cumpre ornar, é o interno, é a inteligência que deve brilhar, é no fundo do coração da mulher que urge inocular os princípios de moral e religião que tanto mais sobressairão quanto maior for a virtude que nele existir.

Desenganemo-nos a mulher sempre há de ser desconsiderada, há de ficar estacionária, há de representar o papel triste que tem representado até o presente, se não lhe dermos educação e instrução.

Mas o homem há de compartilhar dos efeitos deste seu modo de pensar, porque quem semeia abrolhos, espinhos colhe.”⁵⁶

Após a leitura do texto extraído do editorial podemos perceber que além de ser um periódico escrito para as mulheres ele se configurava como Semanário dedicado aos interesses da mulher, mas era também direcionado aos homens. Acreditamos que esses textos que são direcionados e tem como tema a não instrução da mulher por causa do homem, poderia servir para alertar aos pais de família para a instrução de suas filhas, já que no século XIX a autonomia da mulher sobre sua vida era restrita. Por isso, no

⁵⁶O Sexo Feminino.20 de setembro de 1873. Num 03. Ano 1.

número seguinte do periódico, também no editorial, possui um texto intitulado **A mulher no magistério** que debate a questão da educação da mulher:

“Graças às luzes desde século aos passos gigantescos do progresso a ilustração difundida pela imprensa, mesmo assim tão desprotegida como é neste vasto império, em uma superfície de 256.886 léguas quadradas, já não se depara com um pai de família que ouse impunemente dizer: *não é preciso, não quero que minha filha aprenda a ler*, como outrora diziam nossos antepassados, que não compreendiam para que poderia servir a educação e instrução.”⁵⁷

Com este trecho percebemos que a redatora do jornal mostra que os conceitos da educação da mulher estão mudando assim como a atitude dos homens pais de família em relação à educação de suas filhas.

Além de direcionar os escritos para os pais de família Francisca Senhorinha Diniz também escreve sobre a postura dos maridos da época no editorial do periódico de 25 de outubro de 1875, segue o trecho:

“É fato por de mais averiguado, que os homens se tem descuidado de ornar o espírito da mulher, contentando-se em enfeitar lhe o físico, lisonjeando lhe a vaidade.

É inegável que a mulher (salvo poucas exceções) vive na mais completa ignorância de seus direitos desconhecendo até aqueles em que a legislação do país a considera solidária, qual é a outorga na alienação de bens imóveis.

⁵⁷ O Sexo Feminino. 27 de setembro de 1873. Num 04. Ano 1.

Quantas mulheres casadas ignorarão que o marido não pode dispor por maneira alguma de um imóvel do casal sem seu especial consentimento?

Quantas, em tais negócios, não são iludidas por esses maridos que as arrastam para assinar uma escritura pública em que elas maquinalmente garatujam sua assinatura?

Quantas não vão por aí escrever seu próprio punho uma sentença de condenação contra todo o seu pecúlio, que tanto custou a ganhar de seus pais, mas que seus maridos esbanjadores comprometem por dívidas que mais das vezes não foram contraídas em benefício do casal?

O estado de crassa e supina ignorância em que jazem as mulheres, as mães de família, sempre enganadas por seus maridos, faz com que muitas vezes elas deitem-se na suposição de serem ricas e acordem outro dia na mais triste realidade de que não possuem coisa alguma, e são pobre e paupérrimas, porque seus maridos esbanjando o patrimônio estragou, entregando-o a credores que com a lei na mão vem reclamar o seu direito?

Só então é que tais mulheres se percebem do abismo que tem diante dos olhos!

E não é muito de estranhar que tais maridos em ocasiões destas coroem a obra de suas trapaças, abandonando mulher e filhos.

Muitos maridos sentem que suas mulheres não tenham instrução para em sua

ausência tomarem a si seus negócios, pondo e dispondo como eles próprios fariam.

Outros maridos a que bem-dizem essa ignorância, e dão graças a sua sorte de que suas mulheres não entendam de seus negócios, de negócios como eles dizem em que as mulheres não se devem intrometer.”⁵⁸

Através do trecho, percebemos também o direcionamento para os homens casados da época e mais uma vez trazendo também um tipo de “lição” para as mulheres.

No ano de 1874, um editorial nos chamou atenção, ele está intitulado **A guerra dos homens** com subtítulo **O homem e a mulher**. Este editorial aborda a criação do homem e da mulher pela concepção do livro de Gênesis da Bíblia, no qual a redatora do jornal explica que a mulher não é inferior ao homem por ter sido criada após o homem por Deus e coloca também a superioridade da mulher em foco:

“Ora, agora se são capazes de afirmar que o barro é mais digno do que o homem convirei, embora que seja pouco lisonjeiro para os senhores mas hão de indubitavelmente reconhecer que o Criador nos formou a nós com mais cuidado, com mais delicadeza do que os homens? Se, como eu tenho a certeza, os homens não dão aos animais que lhes foram primogênitos o direito de superioridade sobre eles, são então obrigados a confessar que Deus começou pelo mínimo para chegar ao máximo, que na criação, como no banquete dos escolhidos, o último lugar é o melhor, que o Divino Criador quis acabar a sua obra pela forma mais perfeita e completa.

Qual é ela? A mulher.

⁵⁸O Sexo Feminino. 25 de outubro de 1873. Num 08. Ano 1.

Somos nesse caso, não inferiores ao homem, mas verdadeiramente superiores. É claro e lógico, pois não?

Vamos à inteligência. Quase tudo que o homem tem produzido, tanto nos séculos passados como no presente é para a mulher e pela mulher. Certo juiz dizia sempre quando lhe traziam um criminoso: onde está a mulher?

Através das obras de arte e dos feitos heroicos, também se pode perguntar ao homem que as compõe ou as pratica: Onde está a mulher?

Se ela é a causa do crime, é também o motor do bom e do belo. Desde o princípio do mundo, há mulheres que se tem ilustrado em todas as manifestações do espírito, da inteligência e da virtude: que se tem tornado imortais tanto nas artes como nas ciências.”⁵⁹

Neste texto a redatora debate porque historicamente a mulher foi considerada inferior ao homem e a escassa quantidade de mulheres célebres no mundo por alguns fatores, como a dedicação da mulher na criação dos filhos e o egoísmo dos homens que “asfixiam” o talento da mulher.

No exemplar de 14 de agosto de 1875 se apresenta um texto atípico, pois é um texto assinado por Maria Deraisme intitulado **Os homens julgados pelas mulheres**. Nesse texto a autora propõe uma reflexão acerca dos homens. No início do texto a autora compara o homem a estátuas e pêndulos para ilustrar sua falta de movimento segundo ela. No corpo do texto escreve sobre homens que querem ter domínio sobre as mulheres:

“Não posso deixar de rir quando vejo homens terem a pretensão de ensinar a

⁵⁹O Sexo Feminino. 19 de junho de 1874. Num 36. Ano 1.

mulher o que ela é, enquanto que é ela quem
lho deve ensinar.

Deixai falar a mulher, dizia
Elefantino, e nós sabemos o que ela sente, o
que ela pensa e o que ela quer. Não temos
direito algum de impor-lhe condições de
existência sem saber se lhe convém.

Se a desordem reina na sociedade,
por exemplo, se a mulher clama os seus
direitos civis, se ela pede o livre exercício de
suas faculdades, se pretende que deve
receber uma instrução igual a do homem, é
porque o plano primordial está invertido,
porque o homem que se tem obstinado a ser
ainda mais tolo que o pai Adão, ignora o que
deve saber, e torna-se, pertinho daí, incapaz
de ser para a sua mulher: pai, irmão, esposo,
amigo, padre, em uma palavra, seu diretor
espiritual.”⁶⁰

Ao ler o fragmento, podemos perceber que o texto se refere à visão de uma
mulher ao relatar o pensamento e comportamento masculinos. Podemos ainda pensar se
esta visão do masculino se estendia às outras mulheres da época, assim como a redatora
e as colaboradoras. Embora o masculino e o feminino sempre tenham tido papéis bem
delineados na história, podemos pensar que na época estava em construção o que era ser
homem e o que era ser mulher neste século devido às grandes transformações ocorridas.

Através dos textos **O homem e a mulher** e **Os Homens julgados pelas
mulheres** podemos pensar sobre como se instituiu o debate das relações de gênero no
século XIX e em quais espaços esse debate teve espaço para além da imprensa feminina
mineira, quem eram essas pessoas que participavam e quais seus pontos de vista.

3.2 Vozes masculinas n'O Sexo Feminino

⁶⁰O Sexo Feminino. 14 de agosto de 1875. Num 04. Ano 2.

O Sexo Feminino embora seja um periódico feito por e para mulheres ainda contava com leitores e escritores do sexo oposto. Como já analisado anteriormente a cada ano *O Sexo Feminino* se transforma e se modifica, tratando de assuntos diferentes nas suas seções. A partir do ano de 1874 a presença de vozes masculinas é grande ao observarmos a quantidade de contribuições masculinas que são publicadas no jornal.

No exemplar de 28 de fevereiro de 1874,⁶¹ aparece pela primeira vez uma publicação masculina n' *O Sexo Feminino*. Esta publicação é de grande importância, pois está localizada no editorial apresentando-se na primeira página do jornal deste exemplar. É ainda um editorial atípico, pois essa publicação não possui a presença da redatora do jornal e se apresenta como "Carta Honrosa".

Embora o número dessa publicação esteja datado de 28 de fevereiro de 1874 a carta está datada de 22 de setembro de 1873 na Corte direcionada para Sra. D. Francisca Senhorinha Diniz, redatora do periódico *O Sexo Feminino*. Nessa carta que está assinada por Dr. Miguel Vieira Ferreira, Henrique L. de Abreu, José Nápoles Telles de Menezes e Francisco Rangel Pestana que se apresentam como criadores da Escola do Povo, os autores respondem uma carta da redatora do jornal que lhes foi enviada em 13 de setembro de 1873⁶². Nessa carta de resposta os autores parabenizam a redatora do jornal pelo *Sexo Feminino* e pelos seus ideais postos no jornal. Através dessa carta publicada podemos perceber o prestígio que o jornal alcançava já com apenas 1 ano de publicação, porém podemos notar que são poucas as contribuições femininas assinadas para o periódico. Segue a carta publicada na íntegra:

"Com extremo prazer recebemos a vossa carta, datada de 13 de setembro corrente, e com entusiasmo vimos que erguestes a voz na cidade de Campanha para defender os direitos do vosso sexo pela imprensa. Fundando a escola do povo, não poderíamos nós saber qual o terreno mais fértil para fazer germinar a semente que lançamos ao vento: ela foi levada à cidade de Campanha e aí orvalhada pelo talento e amor à ciência e à liberdade ela produziu o

⁶¹ *O Sexo Feminino*. 28 de fevereiro de 1874. Num 23. Ano 1.

⁶² Não temos acesso a esta carta, ela apenas é citada no texto.

seu primeiro embrião e parece que em breve tomará proporções que possam dar sombra sob a qual se abriguem as dignas filhas da província de Minas Gerais.

Essa província de Minas onde as mulheres já uma vez tiveram a coragem de despir todos os seus ornamentos a bem da ideia de liberdade, onde deram suas joias para sustentar as armas, seus filhos para morrerem pela pátria, e, despidas de vaidade, elevadas ao mais ardente patriotismo, cingirão seus delicados corpos com os grosseiros panos do país, essa província generosa e grande, dizemos, não deveria deixar de ser das primeiras a acompanhar-nos no corajoso brado verdadeiramente ousado que levantamos, de emancipação do Brasil pela boa educação dada ao sexo feminino.

A glória cabe a vós e vossas dedicadas e resolutas companheiras, criastes na história uma página para a cidade de Campanha e argumentastes uma flor à coroa, gloriosa que cinge a testa da pátria de Tiradentes.

Vós nos compreendestes, nós vos compreendemos: podemos pois apertar-nos as mãos – De V. Ex. atentos respeitadores e admiradores – Os criadores da escola do povo.”⁶³

Através dessa carta podemos perceber a influência e força do periódico na época e ainda o conhecimento do Sexo Masculino sobre o periódico, pois no exemplar de 28 de março de 1874⁶⁴ *O Sexo Feminino* recebe mais uma “Carta Honrosa”, dessa vez

⁶³ O Sexo Feminino. 28 de fevereiro de 1874. Num 23. Ano 1.

⁶⁴ O Sexo Feminino. 28 de março de 1874. Num 26. Ano 1.

assinada por Manoel Francisco Correa, do Rio de Janeiro de 8 de março de 1874. Essa carta é publicada novamente no editorial, Manoel Ferreira agradece o envio dos exemplares do jornal *O Sexo Feminino* e elogia a redatora pelo envio, Manoel retribui o envio com um exemplar de um discurso que o mesmo proferiu sobre a necessidade da criação das escolas normais.

O ano de 1874 n' *O Sexo Feminino* foi marcado por uma intensa troca de cartas entre Francisca Senhorinha Diniz, Narciza Amália e homens de influência da época. No exemplar de 11 de abril de 1874⁶⁵ é citada uma troca de cartas entre Narciza Amália e Dr Miguel Vieira Ferreira que se iniciou no ano anterior no mês de outubro, nesse exemplar é publicada uma carta no editorial direcionada à Narciza Amália elogiando *O Sexo Feminino* e agradecendo o recebimento de um livro de poesias da poetisa colaboradora do jornal. Miguel Vieira Ferreira em agradecimento envia um exemplar de uma conferência feita por ele.

As contribuições masculinas seguem no exemplar de 6 de junho de 1874⁶⁶ quando uma carta de Olímpio Catão é publicada no editorial abordando o suicídio de uma moça em Bagagem. Este assunto já foi tratado no primeiro capítulo deste trabalho com menção a trechos da carta. A troca de cartas entre Francisca Senhorinha Diniz e Olímpio Catão sobre o suicídio da moça em Bagagem tem continuação nos exemplares de 27 de junho de 1874⁶⁷ e 08 de julho de 1874⁶⁸.

No ano de 1874 a presença masculina aparece somente em mais 2 exemplares d' *O Sexo Feminino*, sendo publicada no editorial uma “Conferência” proferida pelo Dr. Joaquim José Teixeira.⁶⁹ Essa conferência trata-se de uma palestra que o Dr. Joaquim José Teixeira profere em tom moralizante sobre a mulher, ao longo da sua palestra que se mostra em forma de conversa com os conferencistas, aparecem frases sobre a mulher e como deveria ser sua postura.

⁶⁵ *O Sexo Feminino*. 11 de abril de 1874. Num 28. Ano 1.

⁶⁶ *O Sexo Feminino*. 06 de junho de 1874. Num 34. Ano 1.

⁶⁷ *O Sexo Feminino*. 27 de junho de 1874. Num 37. Ano 1.

⁶⁸ *O Sexo Feminino*. 08 de julho de 1874. Num 38. Ano 1.

⁶⁹ *O Sexo Feminino*. 31 de julho de 1874. Num 40. Ano 1 e *O Sexo Feminino*. 08 de agosto de 1874. Num 41. Ano 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisei *O Sexo Feminino* e seu diálogo com os leitores e leitoras do século XIX, procurando ressaltar a importância deste periódico como veículo de informação em uma época em que os periódicos eram de grande importância em relação à obtenção de informação e instrução. A proposta inicial deste trabalho girava em torno da tentativa de traçar um perfil de leitores do periódico, relacionando os textos do jornal com a literatura da época tendo como fonte adicional um livro escrito por Francisca Senhorinha Diniz. Porém ao longo de minha trajetória neste estudo, decidi estudar como esses temas apareciam no periódico e porque apareciam, temas estes como a literatura e o casamento, e como eles se apresentavam nas páginas de *O Sexo Feminino* e como outras vozes nele se manifestavam.

A proposta deste trabalho, além da análise dos periódicos, foi ressaltar a importância de *O Sexo Feminino* como veículo de educação e instrução feito por mulheres e para mulheres ainda no Oitocentos, e para além dos outros trabalhos sobre o tema, sobre vida e obra de Senhorinha Diniz e que tiveram o periódico como pontapé inicial de pesquisa acadêmica, tivemos o diferencial de apresentar como o casamento era retratado nas páginas do jornal e como outras vozes que não eram femininas se manifestavam no periódico e dialogavam com as leitoras.

Através da bibliografia temática estudada percebi que *O Sexo Feminino* e Francisca Senhorinha Mota Diniz foram estudados por pessoas de diferentes áreas do conhecimento como História, Pedagogia, Letras e Jornalismo. E assim pude ver as múltiplas possibilidades de estudo que esse periódico apresenta. Como *O Sexo Feminino* se configurou como periódico de longa publicação e que embora tivesse como tema central a educação e instrução da mulher, ainda contava com temas diversos que dão margem a múltiplas interpretações e abordagens.

A imprensa do século XIX de modo genérico propiciou grandes discussões sobre as esferas pública e privada. Ao momento em que Senhorinha Diniz defendia a posição da mulher como esposa, mãe, boa filha e zeladora do ambiente doméstico, em contrapartida defendia a atuação da mulher na esfera pública em relação à educação, instrução e também as possibilidades de formação acadêmica da mulher.

Acreditamos que *O Sexo Feminino* se configura como periódico que possui uma identidade e forma de comunicação próprias, que conferiu ao periódico o respeito da classe redatora da época assim como atraiu a atenção de leitores diversos, chegando a ser reimpresso pela sua demanda de leitura. Para além do século XIX, *O Sexo Feminino* ainda se apresenta como periódico que coloca questões muito importantes para a atualidade como a educação e instrução da mulher, o protagonismo feminino perante a sociedade, a inserção de mulheres no mercado de trabalho e a dualidade entre o casamento civil e o casamento religioso.

FONTES

O Sexo Feminino(Acervo dos anos de 1873 a 1876) retirado do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Fernanda Alina de Almeida. *Estratégias e escritos: Francisca Diniz e o Movimento Feminista no século XIX(1873/1890)*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006.

AVELAR, Lúcia. *O segundo eleitorado: tendências do voto feminino no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp. 2ª edição. 1989.

BITTONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CRUZ, Heloisa. *No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa*. Revista História & Perspectivas. Uberlândia(39): 11-16, jul.dez. 2008.

DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto.1989.

DELPRIORE, Mary(org). *História das mulheres no Brasil*.4ª edição. São Paulo:Editora Contexto. 2001

GONÇALVES. Andréa Lisly. *História e Gênero*. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica.2006.

HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1978.

HAHNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

KARAWCZYK, Mônica. "O voto de saias": breve análise das imagens veiculadas na *Revista do Globo* (1930-1934). *Revista História, imagem e narrativas*. Nº 3, ano 2, setembro de 2006.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. *Vozes femininas: Um Estudo sobre a revista feminina e a luta pelo direito ao voto, ao trabalho e a instrução*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 2012.

NASCIMENTO, C. V. ; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de . *O Sexo Feminino em Campanha pela emancipação da mulher*. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 29, p. 429-457, 2007.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: Representações do feminino na imprensa mineira – 1973-1932*. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600 – 1900* / Muriel Nazzari: tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo : Companhia das Letras. 2001.

NUNES, Aparecida Maria. *Imprensa e Feminismo do século XIX no sul das Gerais*. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP. São Paulo: 2008.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo. Editora Contexto: 2007.

PIMENTEL, Silvia. *A mulher e a constituinte: Uma contribuição ao debate*. Editora Cortez. 1985.

PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas* /Carla BassaneziPisnky(organizadora) – 2ª edição, 2 reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. (Coleção História do Povo Brasileiro)2003.

ROSA, Gerlice Teixeira. *Ethos e argumentação de Senhorinha Diniz em O Sexo Feminino*. Dissertação de Mestrado. UFMG.2011.

SILVEIRA, Daniela Magalhães. *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.2005

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência - mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1989.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*.São Paulo: Editora Brasiliense.1993.

ANEXOS

O SEXO FEMININO

SEMANARIO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER.

Assignaturas.

Por anno. 8\$000
Por semestre 2\$500
Publica-se 1 vez por semana.

« E' pelo intermedio da mulher que a natureza escreve no coração do homem »

(AIME' MARTIN.)

Observação.

Toda correspondencia será dirigida á D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

PROPRIETARIA E REDACTORA—D. FRANCISCA S. DA M. DINIZ.—COLLABORADORAS, DIVERSAS.

O Sexo Feminino.

A educação da mulher.

Zombem muito embora os pessimistas do apparecimento de um novo órgão na imprensa—O *Sexo Feminino*; tapem os olhos os *indifferentes* para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; rião os *curiosos* seu riso sardonico de reprobção á idéa que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigão os *retrogrados* com seus dilerios de chufa e mofa nossas conterraneas, chamando-as de *utopistas*: O *Sexo Feminino* apparece, hade lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.

O seculo XIX, seculo das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais de metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres, e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de *un traste de casa*, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns individuos menos de-

licados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!!!

Em vez de paes de familia mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da lingua nacional *perfeitamente*, e depois, *economia* e *medicina domestica*, a *puericultura*, a *litteratura* (ao menos a nacional e portugueza), a *philosophia*, a *historia*, a *geographia*, a *physica*, a *chimica*, a *historia natural*, para coroar esses estudos a *instrução moral e religiosa*; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras:

« Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!! »

Não sirva de cuidado aos paes que suas filhas, assim educadas e instruidas, não saibão coser, lavar, engomar, cortar uma camisa, etc. etc.

A riqueza intellectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades.

O dinheiro, Deos o dá e o diabo pôde tirar; mas a sabedoria que Deos dá—diabo não a roubará.

O dia sete de Setembro.

Só quem não fôr brasileiro, ou sendo-o tiver um coração de bronze não sentirá palpar-lhe o peito ao ouvir ecoar por entre a multidão compacta o nosso tocante e arrebatador hymno nacional da Independencia. E' porque este dia, quando não estivera escripto nos fastos de nossa historia patria, e attestado por um monumento erguido em praça publica, está e estará gravado no coração de todo o brasileiro.

E' possivel que desapareça da historia a noticia escripta desse dia, é possivel que a mão do inimigo, ou a acção do tempo possam destruir monumentos commemorativos de um facto nacional tão importante; porém ha um lugar sagrado isento destas acções—é o coração do brasileiro; é ahi que está depositado o thesouro noticiador de nossa independencia occorrida no dia 7 de Setembro de 1822, nas margens do Ipiranga, circumvizinhança da cidade de S. Paulo. Emudecem neste dia os rancores politicos—esquecem-se as inimizades, unem-se os desaffectedos, abração-se os amigos, para todos a uma só voz gritar :

« Somos brasileiros, e pois,

Viva a nossa independencia !

Viva o dia 7 de Setembro de 1822 !

Gloria immorredora a D. Pedro I !

Feliz coincidência ! Ha 51 annos que se quebrarão os ferros de nossa escravidão ao jugo colonial, que se libertou o brasileiro do despotismo de um homem que d'alem do Atlantico, nos impunha sua vontade de ferro; ha 51 annos em fim que soou o grito de de nossa independencia.

Pois bem, este dia marcará tambem em nossa historia patria uma época não menos memoravel—a independencia da

mulher, cujo echo se faz ouvir na imprensa por um órgão—O *Sexo Feminino*.

E pois,

Viva a independencia do nosso sexo !

Viva a instrucção da mulher !

Vivão as jovens campanhenses !

Collaboração.

Escola normal da cidade da Campanha.

Graças á assembléa provincial, e aos esforços de um benemerito campanhense, digno membro dessa corporação, tem esta cidade o indizivel praser de ser a séde de *uma escola normal*; e as jovens campanhenses, concorrendo á matricula, dão esperanças de imprimirem no ensino publico o *cunho da uniformidade e praticabilidade* dos methodos applicaveis á transmissão da *instrucção* primaria elementar. Teremos professoras—modelos, verdadeiras garantias do futuro glorioso da juventude confiada ás suas luzes pedagogicas, á sua instrucção, moralidade e educação. Quem mal aprende, ensina peor: quem bem aprende melhor ensina.

A Campanha tem de gravar em letras de ouro nas paginas de sua historia o dia 7 de Janeiro de 1873, dia memoravel que veio proporcionar ás jovens campanhenses o importante e feliz ensejo de se instruirem, ornando os seus nomes com o honroso qualificativo de *normalistas*.

E para todo o tempo constar, aqui vão inseridos os nomes das jovens mineiras *normalistas* e *ouvintes* que frequentão o 1º anno da escola normal, cujo curso biennial assim se compõe :

1º anno.

Exercicios diarios de calligraphia na escola pratica :

1ª cadeira : grammatica da lingua portugueza, exercicio de leitura de classicos em prosa e verso—exercicios de redacção—leitura reflectida da constituição politica do Imperio.

2ª « Arithmetica—systema metrico—noções elementares de geometria plana.

Tres lições, por semana, de desenho linear,

2º anno.

1ª cadeira. Instrucção moral e religiosa, pedagogia e legislação do ensino.

2ª « Noções geraes de geographia, geographia e historia do Brasil, principalmente da provincia de Minas Geraes.

Tres lição de musica, por semana.

Normalistas.

- 1 D. Jesuina Carolina de Salles.
- 2 D. Anna Faustina Ferr.ª Rodriguse.
- 3 D. Victalina Placidina de Jesus.
- 4 D. Anna Candida de S. José.
- 5 D. Anna Leonilda de Rezende.
- 6 D. Margarida Xavier Lisboa.
- 7 D. Senhorinha Cand.ª de M. Ferrão.
- 8 D. Maria Delfina Ferrão.
- 9 D. Henriqueta Xavier Lisboa.
- 10 D. Maria Candida Rodrigues.
- 11 D. Rosalina Amelia de Castro.
- 12 D. Mathilde Xavier Marianno.
- 13 D. Anna Augusta Lopes de Araujo.
- 14 D. Maria das Dores.
- 15 D. Doelinda Florentina de Noronha.
- 16 D. Amelia Augusta Diniz.

Ovintes por falta de idade para matricula

- 17 D. Candida da Veiga Ferreira.
- 18 D. Emilia Augusta de Oliveira.
- 19 D. Marianna Gonçalves Leite.

20 D. Maria do Carmo Alvarenga.

21 D. Maria Caetana de Paiva.

22 D. Maria Henriqueta.

23 D. Francisca de Paula Rezende.

24 D. Anna Candida Ribeiro.

25 D. Maria Candida Cardoso.

26 D. Albertina Augusta Diniz.

27 D. Rita Eduarda Monteiro.

28 D. Sabina Adelaide Gomes.

Estão funcionando com muita regularidade e aproveitamento as aulas do 1º anno, cujas cadeiras tem por lentes o Dr. Joaquim Leonel de Rezende Alvim, e Antonio José Rodrigues de Moraes, que se esforçam para transmittir suas luminosas prelecções.

No proximo 1874 funcionará o 2º anno da escola normal, cabendo a regencia da 1ª cadeira ao professor nomeado e presente o Sr. José Joaquim da Silva Diniz.

Assim como uma faísca de fogo pôde causar um grande incendio, assim tambem a escola normal preparando professoras pôde ser o indicio precursor de que se aproxima a epoca da regeneração da mulher.

E' então que se realisará o mais bello, o mais grandioso e o mais assustador problema social :

« Educação pela mãe—na familia,

« Instrucção pelo mestre—no collegio.»

Litteratura.

Canta-se nesta cidade uma moda—Branca rosa.—A musica é original, simples e expressiva, mas as palavras, os versos não condizem com a belleza da musica. Ordinariamente nossas canções são versos sem ligação e differem dos romances francezes que contêm sempre um pensamento. Os versos da modinha—Branca rosa—são tão ruins,

tão desparatados, que nos animamos a offerer aos leitores e leitoras amantes da musica os que se seguem, que só tem dos outros o primeiro verso :
—Branca rosa abre teu seio.

Por peiores que estes sejam é impossível que o sejam tanto como os primeiros :

Branca rosa abre teu seio
Exalla o perfume teu
Nelle recebe o suspiro
Que sahe deste peito meu.

Tu és branca e eu te amo
Aprasa-me tua alva côr,
Que exprime a paz que não tenho.
Branca rosa, minha flôr.

Oh ! quanto eu antes quizeria
Que fosse roxa tua côr,
Serias ó minha rosa
O symbolo da minha dôr,

Branca rosa, etc.

Se fosses roxa encarnada
Symbolo de minha paixão
Serias a chamma ardente
Que abraza-me o coração.

Branca rosa, etc.

O verde de tuas folhas
Não exprime o luto meu,
Verde é a cor da esperança
Que para mim já morreu.

Branca rosa abre teu seio.
Exalla o perfume teu
Nelle recebe o suspiro
Que sahe deste peito meu.

FANNY

Religião.

O que é religião ? Uma philosophia sublime que demonstra a ordem, a unidade da natureza, e explica o enigma do coração humano ; o mais poderoso motivo para levar o homem ao bem, pois que a fé o põe sem cessar debaixo da

vista da Divindade, e que opera sobre a vontade com tanto imperio como sobre o pensamento ; um supplemento da consciencia, que manda, consolida e aperfeiçoa todas as virtudes, estabelece nossos productos de beneficencia sobre nossos laços da humanidade ; nos mostra nos pobres credores, juizes irmãos em nossos inimigos, no Ser Supremo um pae ; é a religião do coração, a virtude em pratica, o mais bello de todos os codigos de moral, e cujos preceitos são outros tantos beneficios do cêo.

(Traduzido do francez), por

ALBERTINA DINIZ.

Campanha, 5 de Setembro 1873.

Noticiario.

PROFESSORA INTERINA.—No dia 3 do corrente perante o inspector supplente do 18º circulo litterario, sendo examinadores os professores da escola normal os Srs. Dr. Leonel, Moraes e Diniz, foi examinada e approvada plenamente D. Maria Amelia de Noronha para reger interinamente a escola publica de meninas da freguezia do Carmo. O dito inspector, na forma da lei, fez immediatamente a nomeação da approvada, que irá em seguida abrir a dita escola. Felicitemos aos habitantes do Carmo pela aquisição de uma tal professora, moça educada em sãos principios religiosos, e sufficientemente habilitada para transmittir a instrucção elemental.

Aviso.

Roga-se ás pessoas a quem mandamos o primeiro numero do *Sexo Feminino* que, no caso de não lhes convir assignar nossa folha, devolvão-na ao escriptorio da redacção,